PQ 9261
.L22 S4
Copy 1

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 909 8

PQ 9261
.L22 S4
Copy 1

SCENAS DE FAMILIA

COMEDIA EM DOIS ACTOS

Original de

A. C. DE LACERDA

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ

NO THEATRO DE DOM FERNANDO

EM 1857.

PREÇO 320 RÉIS.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 52.

1857.

PQ9261
L2254
AMK 3035

INTERLOCUTORES.

O Morgado de Lanhellas.

Pedro Soares.

Francisco de Sousa.

Emilio da Silva.

José da Silva.

Antonio.

D. Emilia.

D. Mathilde.

Um Official de justiça.

Marinheiros e criados.

(A Scena passa-se na actualidade.)

agradavel surpreza. (*Faz-lhe um gesto convidando-o a sentar-se, estende-lhe a mão, que elle aperta respeitosamente.*)

SOUSA.

(*Sentando-se.*) Realmente, minha senhora, v. ex.ª achou a maneira de dissipar rapidamente o cansaço d'uma jornada. O gracioso acolhimento com que se digna receber-me....

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Advirto-lhe que estamos no campo, e que a lisonja não pode harmonisar com a simplicidade, que por toda a parte nos rodeia. (*Outro tom.*) Mas fallemos serio. Saiba que estou satisfeitissima de o ver aqui.

SOUSA.

Minha senhora, é uma honra....

D. EMILIA.

Não é uma honra; é uma verdade. Ha quinze dias apenas que viemos para esta quinta, e já me parece um anno! Realmente, não sei como haja quem diga bem do campo! A mesma vida sempre, as mesmas distracções, as mesmas caras....

SOUSA.

N'esse caso atrever-me-hei a perguntar a v. ex.ª o motivo porque privou Lisboa da sua presença?

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Vejo que está hoje de um estylo essencialmente galanteador, sr. Sousa. Já lhe disse que as lisonjas... Merecia que eu castigasse essa obstinação lisonjeira, não

satisfazendo a sua curiosidade; mas, emfim, perdôo-lhe por esta vez. Deseja saber qual é o motivo porque enfastiando-me o campo, venho viver n'elle alguns mezes?

SOUSA.

Sim, minha senhora.

D. EMILIA.

Eu lh'o digo: em primeiro logar porque é moda, verdadeiro idolo a que tudo devemos sacrificar: em segundo, porque não gosto de contrariar meu marido, nem minha filha. (*Rindo.*) Creio que me fará a justiça de acreditar que este ultimo motivo é muito mais forte do que o primeiro.

SOUSA.

Pois não, minha senhora; estou certissimo. Penalisa-me, porém, que v. ex.ª esteja aborrecida, porque receio...

D. EMILIA.

Que o seu espirito não seja capaz de dissipar este aborrecimento? Oh! não tenha esse receio; posso afiançar-lhe...

SOUSA.

(*Rindo.*) Lembra-se da prohibição que me fez?...

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Ah! sim, das lisonjas, é verdade. Fora com ellas! Franqueza e mais franqueza!

SOUSA.

Pronunciou a sua sentença, senhora D. Emilia.

D. EMILIA.

Como?

SOUSA.

Franqueza e mais franqueza, disse v. ex.ª; pois bem, lá vae franqueza.

D. EMILIA.

(*Indolentemente.*) Venha.

SOUSA.

Estou estranhando o modo com que me recebe.

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Ora essa! Por que?

SOUSA.

Acho-a.... constrangida. Parece-me que essa delicadeza e jovialidade é....

D. EMILIA.

É?....

SOUSA.

É para occultar um desgosto.

D. EMILIA.

Um desgosto?! Qual?

SOUSA.

Aquelle que lhe causa a minha presença em sua casa.

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Ah!...ah!... mas que motivo!... Ah!... ah!... sempre desconfiado!...

SOUSA.

(*Serio.*) V. ex.ª ri-se?

D. EMILIA.

Perdão; mas é que esse genio....

SOUSA.

(*Mais serio.*) Não mudou. (*Accentuando.*) Eu não mudei.... *em nada*, minha senhora!

D. EMILIA.

(*Muito seria.*) Esse tom é de uma seriedade que.... que espero *não me obrigará a imitar.*

SOUSA.

(*Resentido.*) Minha senhora....

D. EMILIA.

(*Jovialmente.*) Vamos lá, não fallemos mais n'isso. Veiu em trem ou a cavallo?

SOUSA.

Vim a cavallo. (*A'parte.*) Ella tem razão, ainda não é tempo. (*Alto.*) Um formoso cavallo da legitima raça d'Alter.

D. EMILIA.

Com effeito? Custou-lhe muito caro de certo: agora já não ha leilões em Alter, segundo ouvi dizer.

SOUSA.

(*Sorrindo.*) Nada, pelo contrario; custou-me muito barato. Foi uma dama que me mimoseou....

D. EMILIA.

(*Rindo contrafeita.*) Uma dama?

SOUSA.

D'espadas, é verdade.

D. EMILIA.

Uma dama d'espadas?.... Ah! percebo. E quem foi o desfavorecido da tal dama?

SOUSA.

Foi o D. João d'Athaide: coitado! Ficou desesperadissimo.

D. EMILIA.

Realmente é extraordinario; porque, se bem me lembro, o senhor d'antes não jogava. (*Rindo.*) Já vê que sempre mudou alguma coisa.

SOUSA.

E' verdade, minha senhora: jogo para me distrahir.

D. EMILIA.

Ganhando.

SOUSA.

Ou perdendo: o que eu quero é qualquer coisa que me absorva os pensamentos, que me faça palpitar o coração, emfim, que me cause sensações fortes, e o jogo...

D. EMILIA.

Causa tudo isso; sei-o por experiencia propria.

SOUSA.

Custou-me, é verdade; mas consegui-o. Ao principio, como *depois de certa epoca*, o meu coração ficou, por assim dizer, adormecido á força de soffrer, o jogo nada me fazia senão.... arruinar-me. O habito, porém, venceu a natureza, e um baralho de cartas é hoje para mim o balsamo mais consolador, e mais apropriado á minha enfermidade. E' uma especie de suporifico que adormece todas as minhas faculdades intellectuaes, deixando-me o corpo, e os olhos principalmente, entregues a uma embriaguez que me faz passar algumas horas sem padecer.

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Com effeito! Se todos que soffrem adoptassem similhante systema de tratamento, triplicavam os mendigos em que abunda a nossa capital. Quantos asylos de meudicidade não seriam precisos!

SOUSA.

(Com sentimentalismo.) E' triste, senhora D. Emilia, é realmente bem triste, e até bem.... extraordinario, que v. ex.ª se lembre.... não digo bem, se atreva a escarnecer-me, quando lhe digo que padeço! *(A'parte.)* Parece-me que vou bem!

D. EMILIA.

(Quasi seria.) Eu escarnecel-o?!.... Não! Mesmo porque, permitta-me que lhe diga, custa-me a crer que...

SOUSA.

Custa-lhe a crer? *(Levantando-se.)* Talvez, porque... v. ex.ª não tem coração!

D. EMILIA.

(Rindo.) Se falla *anatomicamente*, creio que se engana: se falla em estylo figurado.... ha alguem n'esta casa que o pode contradizer.

SOUSA.

Quem é?

D. EMILIA.

(Muito seria.) Meu marido.

SOUSA.

(Affectadamente.) Oh!

D. EMILIA.

Tem alguma coisa, senhor Sousa?

SOUSA.

Ainda m'o pergunta?! Se tenho alguma coisa?..... Tenho, minha senhora! Tenho tres inimigos fortes a combaterem-me esta alma!

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Logo tres!

SOUSA.

Sim, minha senhora. Tres — o passado, o presente e o futuro! O passado faz-me chorar de saudades; o presente faz-me soffrer uma dôr agudissima; e o futuro.... faz-me prever uma fatalidade!

D. EMILIA.

Se eu gostasse de charadas, muito agradecida lhe ficaria; mas acho tão mal empregado o tempo que se gasta em decifral-as...

SOUSA.

Ah! V. ex.ª chama a isto uma charada?

D. EMILIA.

De certo.

SOUSA.

Charadas d'estas custam pouco a adivinhar.

D. EMILIA.

Ha *dezenove annos*, talvez que fosse para mim de grande facilidade.... porém hoje....

SOUSA.

Perdão, minha senhora; ha pouco disse: *franqueza e mais franqueza*! Agora cita-me uma epoca e.... das mais notaveis para mim! Julgo-me, portanto, com direito de fallar.

D. EMILIA.

Se é do que já lá vae, julgo desnecessario....

SOUSA.

Não, minha senhora; é necessario e muito! V. ex.ª está de tal forma ligada, deixe-me assim dizer, á minha vida, ao meu futuro....

D. EMILIA.

Eu?!

SOUSA.

Sim, minha senhora. Permitta-me que, pela ultima vez, lhe lembre palavras suas, e até promessas sagradas.

D. EMILIA.

Mas para que?

SOUSA.

Depois o saberá, minha senhora. Dá-me licença que falle?....

D. EMILIA.

Pela ultima vez?

SOUSA.

Sim.

D. EMILIA.

Bem, falle; advertindo que se consinto em ouvir-lhe

o que me vae dizer, o que na minha posição de senhora casada não devia ouvir, é por um pequenino remorso que ainda sinto; é por um d'estes escrupulos de consciencia, que muita gente não teria, mas a que eu, com a minha indole excepcional, não posso fugir.

SOUSA.

Honram-a muito esses escrupulos, minha senhora, e só isso seria bastante para eu me conservar nos limites do maior respeito devido á sua actual posição.

D. EMILIA.

Não se podia esperar outra coisa do seu cavalheirismo.

SOUSA.

(*Curvando-se.*). Agradeço a v. ex.ª o conceito em que se digna ter-me. Ha dezenove annos, minha senhora . . .

SCENA II.

OS MESMOS, E PEDRO SOARES.

SOARES.

(*Entrando.*) Safa que calor! . . . . (*Reparando nos dois.*) Ah! perdão. . . .

SOUSA.

(*Indo para elle.*) Senhor Pedro Soares . . . .

SOARES.

(*Apertando-lhe a mão.*) Oh! por cá, senhor Francisco de Sousa!

SOUSA.

Admira-se: então que quer? preciso conviver, e como ha dezenove annos que estava ausente da patria, achei na minha volta tão poucos amigos, que.... que talvez me torne até importuno com aquelles a quem possa ainda dar este nome.

SOARES.

Achou então muitas mudanças?

SOUSA.

Muitas. Pessoas com quem eu me dava antigamente, algumas até da minha intimidade, acho-as hoje em taes posições, umas tão degradantes, outras tão elevadas, que nem me convém, nem mesmo posso estar em relação com ellas.

SOARES.

(*Sentando-se.*) Voltas do mundo, heim?

SOUSA.

Mas que voltas! Em dezenove annos, realmente não imaginava transformações assim. Cheguei ha vinte oito dias, como sabe, e tratei logo de procurar os meus conhecimentos. Dirijo-me, por exemplo, a casa do Barros, meu antigo condiscipulo e parceiro certo nas esturdias de rapaz. Chego, puxo pela campainha, e apparece-me um escudeiro de lenço branco no pescoço, que me responde: Sua excellencia está ainda deitado. Era uma hora da

tarde. Espanta-me aquelle aristocratico — *Sua excellencia* — e pergunto muito devagar ao criado qual era a actual posição do senhor Jeronymo de Barros. Respondeu-me: O senhor barão de.... Não quiz ouvir mais nada! Era um titulo tão arrevesado, que fugi pela escada abaixo perdido de riso!

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Ah!.... ah!.... Pois um titulo chega hoje a produzir esse effeito?

SOUSA.

Pelo menos a mim foi o que me succedeu. Depois pensei que um homem, como eu, sem posição social, sem titulos de nobreza, e sem habilitações litterarias, não era dos mais apropriados para amigo de um barão. No entanto procurei-o d'ahi a dias, e, depois de esperar hora e meia, fui recebido com uma frieza aristocratica que me fez rebentar com riso os botões do collete!

SOARES.

(*Com ironia.*) Ah! mas é que o Jeronymo de Barros talvez seja uma excepção.

SOUSA.

Qual historia! São todos assim. Vou procurar outro, a quem eu d'antes fazia amiudadas vezes herdeiro do meu fato mais usado. Subo a escada, puxo pela campainha, e pergunto a um criado se poderia fallar ao senhor Duarte Pacheco.... — Quem lhe direi que o procura? — Um amigo antigo: dê-lhe o meu *adresse*. Depois de um quarto de hora veiu o mesmo criado dizer-me, que s. ex.ª não podia fallar a ninguem em razão dos *seus trabalhos*. — Dos seus trabalhos! exclamo eu espantado! Então o que faz actual-

mente o senhor Duarte Pacheco? — Você veiu da *parvalheira?* pergunta-me o criado desabridamente. — Pois não sabe que o senhor Duarte Pacheco é deputado da nação portugueza!.... E bate-me com a porta na cara.

D. EMILIA E SOARES.

(*Rindo.*) Ah!.... ah.... ah....

SOUSA.

Foi exactamente o que eu fiz depois de estar cinco minutos pasmado para a porta, que fechava aquelle santuario do fomento. Ri muito; e tendo-me acontecido mais casos identicos, jurei não procurar mais ninguem, sem primeiro indagar se havia mudança nas posições de cada um. E como quasi todos as teem soffrido, é a razão porque procuro com mais assiduidade aquelles, que ainda se conservam como d'antes.

D. EMILIA.

Oxalá que nós fossemos d'esse numero em toda a extensão da palavra!

SOUSA.

(*Com intenção.*) Oh! era de certo uma grande felicidade!

SOARES.

Pois não somos?

D. EMILIA.

Não; porque ha dezenove annos, quando o senhor Sousa frequentava a nossa casa, estavas tu em Paris nos teus estudos, vivia o nosso bom e querido pae, eu era solteira, e....

SOARES.

(*Rindo.*) E mais moça, mas não mais formosa: podes estar descansada.

SOUSA.

Emfim, eu não exigia que não houvessem mudanças em dezenove annos, nem é isso o que me admira. O que eu não esperava eram estas transformações de magica que encontro a cada passo.

D. EMILIA.

(*Levantando-se.*) Se o senhor Sousa me permitte.... uma dona de casa:...

SOUSA.

(*Levantando-se.*) Oh! minha senhora!....

D. EMILIA.

Meu marido anda no seu divertimento favorito: anda á caça. Tão depressa elle chegue, apresentar-lhe-hei v. s.ª, e estou certissima de que hãode gostar um do outro. (*Comprimenta-o e sae.*)

SCENA III.

SOARES E SOUSA.

SOUSA.

(*A'parte.*) Aonde estará a filha?

SOARES.

(*A'parte.*) Antipathiso com este homem.

SOUSA.

(*Alto.*) O senhor Soares provavelmente já havia de ter ouvido fallar em mim á sua familia?

SOARES.

Algumas vezes: creio que v. s.ª visitava meu pae amiudadamente.

SOUSA.

E' verdade; tratava-me com uma franqueza e amisade, que nem um parente. Fallava-me muito do senhor, sempre com saudades e esperanças de o ver um dia illustrar o seu nome. Eram phrases d'elle muito vulgares e muito verdadeiras, segundo o tempo tem demonstrado.

SOARES.

Agradeço a... lisonja, permitta-me que assim lhe chame.

SOUSA.

Lisonja?! não....

SOARES.

Tanto é que, aposto quanto quizer, em como v. s.ª nem sequer sabe qual é actualmente a minha profissão.

SOUSA.

(Atrapalhado.) Pois não... sim... quero dizer... tem um tal modo de...

SOARES.

De combater as faltas de franqueza?...

SOUSA.

Senhor Soares...

SOARES.

Perdão; como vejo que vae ver certamente uma das pessoas intimas d'esta casa, assim como foi da de meu pae, é justo que adquiramos completo conhecimento um do outro.

SOUSA.

E' justo. Porém persuadi-me que v. s.ª, ao menos por tradição, já me conhecesse...

SOARES.

Enganou-se. Quando eu estava em Paris, meu pae fallava-me bastante no senhor, e da mesma forma minha irmã não se cansava de elogiar as suas boas qualidades. Constou-me que meu pae o tomara de todo para casa como seu guarda-livros, e que passados tempos v. s.ª se retirara do reino; fôra... não sei para onde. Vim para Portugal: meu pae já não existia, e minha irmã nunca mais me fallou em v. s.ª Ha perto de um mez chegou de... do Brasil, me parece; foi visitar-nos: viemos para o campo; v. s.ª dignou-se procurar-nos, aqui está conversando comi-

go, e. . . mais nada. Já vê, pois, que o nosso *conhecimento* um do outro é pouco, nenhum até, e. . . como eu, visto as suas estreitas relações com meu pae, julgo um dever chamar-lhe meu amigo, desejava que estas relações. . . *superficiaes*, deixe-me assim dizer, se tornassem n'um completo conhecimento dos nossos caracteres.

SOUSA.

E' muito justo, infallivel até; porém, creio que só o tempo poderá effectuar esse conhecimento.

SOARES.

O tempo! Ora o tempo é muito precioso para rapazes da nossa edade. Para que havemos occupal-o n'essas bagatellas, quando com cinco minutos de conversação podemos colher os mesmos resultados?

SOUSA.

Não percebo.

SOARES.

(Sorrindo.) Não? Eu me explico. Que juizo faz o senhor de mim, depois de tudo isto que eu lhe disse?

SOUSA.

Que juizo?

SOARES.

Valha-me Deus! senhor; que juizo?

SOUSA.

Faço um. . . bem pouco favoravel para mim.

SOARES.

Qual é?

SOUSA.

Que o senhor Soares antipathisa comigo.

SOARES.

Mais nada?

SOUSA.

Que é dotado de uma excessiva franqueza, e...

SOARES.

Sufficiente, pelo menos, para lhe dizer que... não se enganou.

SOUSA.

Mas espero que será apenas uma ligeira impressão, que o tempo desvanecerá...

SOARES.

O tempo! sempre o tempo! E' uma ligeira impressão, é verdade, que será desvanecida pelas suas palavras, logo que ellas me façam conhecer a sua indole. De mim já o senhor sabe bastante; isto é, que a minha predominante é a franqueza. Quanto á minha profissão... sou medico e... philosopho!

SOUSA.

(*Sorrindo.*) Philosopho?

SOARES.

Admira-se? Sou medico pelo estudo, e philosopho por natureza. Riu-me de tudo, e não tomo nada a serio... excepto a honra. Não sou sceptico porque creio na maldade

dos homens, e na justiça de Deus. São as unicas duas crenças que ainda conservo: o mais, essas idealidades que por ahi apregoam como elementos de vida, o amor, a amisade, a gratidão, etc., etc., não creio, porque ainda não vi nada d'isso. (*Rindo.*) Ora aqui tem o senhor Francisco de Sousa o meu daguerreotypo moral, é talvez um pouco repugnante, mas é verdadeiro. Dignar-se-ha agora apresentar-me o seu com a mesma exactidão?

SOUSA.

Custa-me, mas emfim lá vae. Se o seu é um pouco repugnante, como diz, o meu é... é ridiculo.

SOARES.

Ridiculo?

SOUSA.

Ridiculo para o senhor, já se vê. As tres coisas que, por acaso citou, como idealidades em que não crê, são exactamente os meus sentimentos mais predominantes.

SOARES.

Quaes? Já me não lembro.

SOUSA.

O amor, a amisade, e a gratidão.

SOARES.

(*Sorrindo.*) Devéras?

SOUSA.

Devéras. Amei, amo e heide amar uma mulher... que me despresa.

SOARES.

De mais a mais! Safa!

SOUSA.

Hoje não tenho amigos; mas tive um que... que ainda choro! Era seu pae! E por um movimento de gratidão era capaz de... de me vender por trezentos mil réis, se estivesse na Costa d'Africa.

SOARES.

Com effeito! Somos a noite e o dia! Ao menos sempre ha entre nós uma identidade; tocamos os extremos. Quanto á sua posição...

SOUSA.

Sou... negociante.

SOARES.

(*Rindo.*) Um negociante com crenças amorosas não é lá das coisas mais convenientes... (*a um gesto de Sousa*) para o commercio. Faço idéa, que um negociante apaixonado, hade frequentes vezes transformar os seus livros de receita e despesa em *albuns* de jardineiro, e vice-versa, os seus *livros intimos* em taboadas pythagoricas.

SOUSA.

Acha ridiculo; não lh'o disse eu? Comtudo, é a verdade.

SOARES.

Pois permitta-me o senhor Sousa que lhe diga, que o seu physico não indica nada d'isso que sente; e se não temesse escandalisal-o, até lhe dizia que... duvido...

SOUSA.

Pois juro-lhe que sou tal qual me desenhei.

SOARES.

Se o senhor estivesse fallando com um philosopho do seculo passado... isto é, com um d'esses monomaniacos para quem Lavater era uma divindade, já o senhor tinha soffrido uma analyse physica, cuja conclusão seria negativa formal de tudo quanto ahi tem dito.

SOUSA.

Uma analyse physica... Não percebo.

SOARES.

E' mais uma qualidade que o senhor me não declarou: a de lhe custar a perceber as coisas.

SOUSA.

(Sorrindo contrafeito.) E' que a minha intelligencia...

SOARES.

Está talvez um pouco obscurecida por esse tal amor vehementissimo... Ora, pois, eu me explico melhor. Dizia eu, que se fosse um philosopho de ha um seculo, se fos-

se d'esses famosos physionomistas de rabicho, deitava-me ao senhor como gato a bofes, e apalpando com mão *experiente* as *bossas* occultas por esse cabello frisado, exclamava no auge da convicção pedantesca d'aquellas eras: — Eis aqui um hypocrita, um malvado, um especulador, um...

SOUSA.

(*Irritado.*) Senhor Soares!

SOARES.

Um maroto!... Perdão; isto diria eu se retrocedessemos um seculo, se lhe apalpasse as *bossas*, e se eu fosse um tolo: como porém não se dá nenhuma d'estas circunstancias, (especialmente a das bossas) direi unicamente, que o senhor parece-me um excellente rapaz, demasiadamente crente... nas suas idéas, e... mais nada.

SOUSA.

(*A'parte.*) Ia-me assustando!... No fim de contas é um *creançola*.

SOARES.

(*A'parte.*) O homem cuida que me enganou.

SOUSA.

Mas... em conclusão, v. s.ª estará disposto a ter comigo as mesmas relações de seu pae, a mesma amisade?

SOARES.

Com alguma alteração. Meu pae era negociante, e o senhor, seu guarda-livros: eu não sou homem de negocio.

não tenho por consequencia precisão de guarda-livros. Já vê que as mesmas relações são impossiveis.

SOUSA.

De accordo. E quanto á amisade?

SOARES.

A esse respeito.... sim, creio que já disse quaes eram as minhas crenças...

SOUSA.

Segue-se que rejeita?

SOARES.

Não; veremos: se o senhor fôr capaz de me fazer sentir... o que nunca senti...

SOUSA.

Tenho essa esperança.

SOARES.

Veremos. (*A'parte.*) Não convém dissuadil-o. Heide saber tudo.

SOUSA.

(*A'parte.*) Se consigo enganal-o é o triumpho mais glorioso da minha vida... (*sorrindo com ironia*) *romantica.*

SCENA IV.

OS MESMOS, O MORGADO, E MATHILDE (AMBOS EM ARRANJOS DE CAÇA.)

O MORGADO.

Apre! Que hoje foi uma correria de truz!... (*reparando nos dois*) Bons dias, Pedro... Este senhor é...

SOARES.

Um amigo antigo da familia, que sua mulher, melhor do que eu, terá logo o gosto de lhe apresentar.

SOUSA.

(*Curvando-se.*) Senhor Morgado... (*A'parte.*) E é linda, a filha!... Melhor!

O MORGADO.

Os conhecimentos de minha mulher meus conhecidos são tambem.

SOARES.

(*Rindo.*) Isso cheira a linguagem biblica.

O MORGADO.

Cheira? Pois olhe que foi sem querer. O senhor... o senhor...

SOUSA.

(*Inclinando-se.*) Francisco de Sousa.

O MORGADO.

Ah! bem; o senhor Francisco de Sousa hade fazer-nos a honra d'almoçar com a *gente*.

SOARES.

(*Rindo.*) Creio que é sempre com quem tem almoçado.

O MORGADO.

Ahi começa o mano com as suas *escarnicadellas*!

SOARES.

E o mano continuando a augmentar o diccionario.

O MORGADO.

Ora boas noites, tio Pedro! Mas que fome que eu tenho! Com a breca! Ha muito tempo que não ando tanto!

SOARES.

E então?

O MORGADO.

E então o que?

SOARES.

Que matou?

O MORGADO.

Ora! Estava hoje atrozmente infeliz! Matei... (*mostra um passaro que traz na rede.*)

SOARES.

(*A's gargalhadas.*) Ah!... ah!... Um *cuco*!... ah... ah!...

O MORGADO.

(*Serio.*) Ou uma *cuca;* tambem não sei o sexo.

SOARES.

(*Para Mathilde que tem estado ao fundo a tirar os arranjos da caça.*) E tu, Mathilde, foste mais feliz?

MATHILDE.

(*Correndo a mostrar-lhe a rede.*) Felicissima, meu tio! Olhe!... olhe!

SOARES.

O que ahi vae!

MATHILDE.

Sabe os nomes de toda esta bicharia, meu tio?

SOARES.

A fallar a verdade... nunca fui muito bom zoologico.

MATHILDE.

Pois aprenda; olhe. Tres perdigotos!... (*vae atirando com as aves para o sophá.*) Duas arveloas! Um melro! Dizem que ha muitos, mas...

SOARES.

Se ha!

MATHILDE.

Talvez; mas eu não vi senão este.

SOARES.

Essa *qualidade de passaros* é mais frequente nas grandes cidades.

MATHILDE.

Os melros?

SOARES.

Sim. Anda lá; que mais victimas fizeste?

MATHILDE.

(*Continuando a tirar da rede.*) Cinco maçaricos! Duas tutenegras, e um pardal! *Eim*? que lhe parece?

SOARES.

És uma heroina, mas estou convencido de que tua mãe não hade gostar muito que lhe estejas a fazer do sophá uma especie de chita de quatro vintens.

MATHILDE.

(*Reparando.*) Ai, o sophá!

O MORGADO.

(*Rindo.*) Deixa lá, coitadinha! Está influida com as suas façanhas! É que... sem lisonja, está atirando melhor do que eu!

SOARES.

Bem se vê.

MATHILDE.

Ora... o papá é que tem a culpa. Foge com a cara quando dá fogo á espingarda... pudera; perde a pontaria.

O MORGADO.

Se o diabo da espingarda dá cada coice!...

SOARES.

É chegar-lhe as esporas.

O MORGADO.

Ai, que graça; olhe não lhe caia algum dente! (*para Sousa*) O senhor tambem é caçador?

SOUSA.

Nada; sou dotado de uma negação absoluta para as armas... de fogo.

SOARES.

Exactamente como eu. Havemos um dia ir á caça todos tres, para ver se conseguimos matar outro cuco.

O MORGADO.

O' mano! Ora que você sempre hade estar de *pegadilha* comigo!

SOARES.

Lá vae para a pagina do — pg.

O MORGADO.

Ora cebo, mano! Já cheira mal!

SOARES.

O cebo; de certo.

SCENA V.

OS MESMOS E D. EMILIA.

D. EMILIA.

(*Entrando.*) Ah! já voltaram: era tempo. (*Mathilde vae dar-lhe um beijo.*) Senhor Morgado, apresento-lhe o senhor Sousa, antigo amigo de meu pae, e que espero contará no numero dos seus.

O MORGADO.

Pois não; essa é boa... Se o almoço estivesse prompto...

D. EMILIA.

(*Para Sousa rindo*) Desculpe, senhor Sousa; mas meu marido é dotado de uma excessiva franqueza, especialmente quando está no campo.

SOUSA.

O que eu estimo bastante. V. ex.ª sabe perfeitamente que detesto os *ceremoniaes.*

O MORGADO.

Com que então, conhecem-se ha muito?

D. EMILIA.

Não lhe disse já que foi intimo amigo de meu pae!...

O MORGADO.

Ah! sim... mas é que... sim, estou com uma fome, que não posso lembrar-me senão de almoçar.

SOARES.

É que a cabeça do mano funcciona sempre em harmonia com o seu estomago.

O MORGADO.

Não percebo bem o que quer dizer, mas faço idéa que hade ser alguma chufa.

SOARES.

Talvez.

O MORGADO.

Seja o que fôr. Vamos almoçar, ou não vamos?

D. EMILIA.

Vinha exactamente dizer-lhe que está na mesa.

O MORGADO.

Bravo! vamos a elle. Senhor Sousa, dê o braço a minha mulher...

D. EMILIA.

Dispense-me; já almocei. (*Baixo para Soares*) Preciso fallar-te.

SOARES.

(O *mesmo*) Tambem eu.

O MORGADO.

Bem, n'esse caso... Senhor Sousa, dê o braço a minha filha.

SOUSA.

Com que prazer, senhor Morgado! (*Dá o braço a Mathilde.*)

O MORGADO.

Marche! Passem por cá muito bem. (*Caminha adiante, e saem com elle Mathilde e Sousa, depois de ter comprimentado os dois.*)

SCENA VI.

SOARES E D. EMILIA.

D. EMILIA.

Tenho que te contar, meu Pedro; ha coisas que parecem impossiveis, e que mesmo depois de uma prova evidente nos custa a acreditar.

SOARES.

Ha d'essas coisas, ha, com toda a certeza. Mas o que é?

D. EMILIA.

Desde já te previno que hasde rir...

SOARES.

Isso é bom.

D. EMILIA.

Ou zangares-te muito.

SOARES.

Isso é mau... Mas duvido. Eu zangar-me... grande será a coisa.

D. EMILIA.

É grande sim; muito grande. Que dirias tu se eu te afiançasse que entre o Emilio e a Mathilde existe um *namoro*?

SOARES.

Ria-me.

D. EMILIA.

Rias-te? Porque não acreditavas, não é verdade? Pois acredita; ha um namoro.

SOARES.

Continuo a rir-me.

D. EMILIA.

Ora essa! Pois não é uma infamia da parte d'elle, e uma baixeza da parte d'ella?

SOARES.

Não; é uma especulação do Emilio, e uma *creancice* da Mathilde. Isso não vale nada.

D. EMILIA.

Quál não vale nada! Escrevem-se.

SOARES.

Antes isso; era melhor que se fallassem ás escondidas?

D. EMILIA.

Mas achas isto bonito?

SOARES.

Não, de certo. Eu acharei meio d'acabar com essas tolices. O Emilio pareceu-me sempre bom rapaz, e logo que lhe faça comprehender a sua posição, os deveres de gratidão para comtigo, e a distancia que o separa da Mathilde, estou certo que não quererá collocar-nos na precisão de o pôrmos *ao fresco*. Em quanto á Mathilde... é uma creança. Eu já tinha percebido que havia alguma coisa extraordinaria entre elles, mas não suppunha que estivessem n'esse adiantamento.

D. EMILIA.

Já tinhas percebido? Como?

SOARES.

Eu sei... por esses pequenos *tique-taques*, que caracterisam as sympathias na edade da Mathilde. Por exemplo, córar repentinamente, quando se ouve pronunciar o nome de *bem-amado*; saltar sobresaltada sobre uma cadeira, quando o *mais que tudo* entra na casa onde ella está, etc. etc. São symptomas que não falham.

D. EMILIA.

Bem; e que tencionas fazer?

SOARES.

Veremos. Talvez mostrar ao senhor Emilio operario,

que não é dos mais competentes para *cavalleiro-andante* da filha do senhor Morgado de Lanhellas. Veremos.

D. EMILIA.

Mas veremos, veremos... É preciso que essa demonstração seja feita quanto antes.

SOARES.

Devagar, devagar! Não tomes o negocio tanto a peito, porque te posso afiançar que não vale a pena.

D. EMILIA.

Tu não conheces bem o caracter do Emilio.

SOARES.

Não; com franqueza nunca tive grande intimidade com elle, nem sei bem... Hasde ter conhecido perfeitamente que não sou dos mais curiosos.

D. EMILIA.

Pois eu t'o digo. Este rapaz é filho da mulher que creou a Mathilde. A mulher morreu, em casa, deixando ficar o pequeno. Eu era sua madrinha. O pae d'elle andava embarcado como anda agora, de forma que tive dó de deixar a creança abandonada. Mandei-o aprender as primeiras lettras, depois o officio a que me pareceu mais dedicado e... mais nada. Teem-me dito que é um excellente tecelão; não sei; nunca vi obras d'elle. Vem visitar-nos quasi todos os dias, e eu, que não gosto que me considerem orgulhosa, recebo-o sempre com agrado.

SOARES.

Fizeste mal; contaste com a gratidão, e olha lá como ella é. Coisas do mundo! Mas emfim, não fallemos mais n'isso. Vamos tratar d'outro assumpto, parece-me que um pouco mais grave.

D. EMILIA.

O que é?

SOARES.

Vamos tratar... do senhor Francisco de Sousa.

D. EMILIA.

(*Sobresaltada*) Ah!...

SOARES.

O que é isso?

D. EMILIA.

O que?

SOARES.

Esse — ah! —

D. EMILIA.

Nada: é... foi um calafrio...

SOARES.

Nervoso; sim, é natural. Sejamos francos, Emilia. Tu amaste este homem.

D. EMILIA.

Talvez... antes de casar, quando elle era...

SOARES.

Guarda-livros do nosso excellente pae. Eu estava em Paris, n'essa epoca, mas pelas tuas cartas, pela frieza com que fallavas d'esse homem, que era então como da familia, tudo me fez acreditar que o amavas. A maneira como o pae me fallava d'elle, fez-me ver claramente que muito grande era a influencia que elle Sousa tinha nos seus negocios, e creio que até no seu espirito. Nosso pae, como sabes, teve uns principios muito mediocres, e por consequencia uma educação pouco esmerada. Foi capitão d'um navio mercante; adquiriu fortuna e estabeleceu se. Ora os homens que assim começam são dotados de uma franqueza demasiada, e facilmente se deixam dominar pelo primeiro tratante que os sabe conduzir. Creio que esse Sousa é um d'estes de quem fallo.

D. EMILIA.

Não; lá isso não creio eu.

SOARES.

Pois podes crêl-o, porque eu raras vezes me engano; tenho um olphato apuradissimo para este genero de caça. Além d isto, quando cheguei de Paris tomei immediatamente posse do quarto do pae, que tu, por uma d'aquellas exquisitices proprias de mulher, tinhas conservado intacto, e creio até que depois que elle falleceu ninguem lá poz mais o pé.

D. EMILIA.

E é verdade.

SOARES.

Ora bem. Tomando posse e installando-me n'esse quarto, examinei minuciosamente os papeis da sua secretaria particulares, os livros de receita e despeza, etc. etc. D'este

exame conclui... que alguma coisa extraordinaria se tinha passado em nossa casa. Esquecia-me dizer, que achei o teu casamento ajustado com esse pateta...

D. EMILIA.

Pedro!...

SOARES.

Com esse *asno*... accrescentarei, que tu de muito boa vontade querias para marido. Tambem me pareceu desnatural que tu, uma rapariga d'espirito, e bonita, te agradasses de similhante... (*a um gesto de D. Emilia, emendando a phrase*) *figura d'homem*. No entanto, calei-me. Depois de passado o luto, tratei da *papellada*, e casei-te com o senhor Morgado de Lanhellas. Dei-lhe o dote que o pae te havia destinado, e, a rogos teus, ficámos vivendo juntos, o que eu estimei, porque, a fallar a verdade, já estava enfastiado de viver só. Como te disse, entre os papeis do pae achei alguns que me indispõem bastante com este senhor Sousa, e que fazem com que inevitavelmente mais dia menos dia eu tenha com elle explicações muito sérias. Antes, porém, de o fazer, desejo que... supplico-te até encarecidamente, para bem de todos nós, que me digas francamente se amaste o senhor Sousa, e se houve algum pedido de casamento... emfim, tudo.

D. EMILIA.

Houve entre nós uns pequenos amores, sim; eu era uma creança... não sabia ainda o que me convinha...

SOARES.

E elle chegaria a pedir-te em casamento?

D. EMILIA.

Creio que sim; e suspeito que a resposta negativa foi o que o obrigou a deixar a casa.

SOARES.

Talvez. Mas dize-me outra coisa... (*suspendendo-se*) tenho medo de te offender, mas...

D. EMILIA.

(*Sorrindo*) A mim?!... Não me offendes.

SOARES.

Qual foi o motivo porque pareceste desejar tanto o teu casamento com o Morgado, logo depois da partida do Sousa, e do fallecimento do pae?

D. EMILIA.

Eu sei; por uma creancice, talvez. Imaginei que um homem d'edade como o Morgado então era, suppriria o amor de pae, e...

SOARES.

(*Cravando os olhos n'ella.*) Foi só por isso?

D. EMILIA.

Pois porque mais havia de ser?

SOARES.

Eu sei... (*sempre com os olhos pregados n'ella*) Podia ser, por exemplo, para occultar uma fraqueza...

D. EMILIA.

(*Fitando-o bem de frente e indignada.*) O que quer isso dizer, Pedro?!...

SOARES.

(*Mudando de tom e apertando-a nos braços.*) Perdoa, minha querida Emilia! E' que não imaginas o grande mysterio que ha entre este homem e a nossa familia!... Mas, emfim, a teu respeito estou descansado! Esse tom em que me respondeste, é a prova mais cabal da tua innocencia n'este deploravel negocio. Adeus; vou ter com elles; e peço-te que não entres agora a scismar n'isto, porque é tempo baldado. Trata bem esse homem, e, ainda que elle te falle no passado, procura não o desgostar a ponto de romper as suas relações comtigo. És uma mulher de bastante espirito para saberes fazer isto, sem comprometteres o teu decoro. (*Beijando-a na testa.*) Adeus, Emilia. (*A'parte.*) Pobre rapariga!... (*Sae.*)

SCENA VII.

D. EMILIA, SÓ, DEPOIS MATHILDE E EMILIO.

D. EMILIA.

Que mysterio será este? Estou tremendo de o adivinhar... Mas não, se fosse a respeito d'aquelle dinheiro, certamente o Pedro não se mostraria tão empenhado... Elle sim, que até parece ter raiva ao dinheiro. Não sei; veremos.

MATHILDE.

(*Para dentro.*) Entre, entre, senhor Emilio; a mamã está aqui.

EMILIO.

(*Ao fundo.*) Dá licença, minha senhora?

D. EMILIA.

Entre, senhor Emilio da Silva.

EMILIO.

A gratidão que lhe consagro, minha senhora, faz-me tornar até importuno, talvez, mas...

D. EMILIA.

Importuno porque? pelas suas visitas? Não, senhor Emilio; acredite que tenho sempre muito gosto em o ver.

EMILIO.

A senhora D. Emilia junta á sua bondade uma delicadeza... mal empregada em mim. Com effeito, tratando assim um pobre operario, como hade tratar os seus eguaes?

D. EMILIA.

Da mesma forma, se forem como o senhor Emilio dignos de toda a consideração.

EMILIO.

Realmente... confunde-me...

MATHILDE.

E' verdade, senhor Emilio; posso afiançar-lhe que a mamã é muito sua amiga: falla sempre do senhor, com tanto interesse, como se fôra da familia.

EMILIO.

E não o sou, menina? Pondo de parte a minha classe, não sou eu quasi um parente? Um filho adoptivo foi sempre considerado como tal. Os beneficios da senhora D. Emilia dão-me direito a...

D. EMILIA.

Não fallemos n'isso. (*Outro tom.*) Ora não sabe que ando ha bastante tempo para lhe perguntar uma coisa, e que sempre me esquece?

EMILIO.

Dirá, minha senhora.

D. EMILIA.

Não está aborrecido d'essa vida monotona, d'essa solidão em que passa as horas de descanso, emfim, d'esse isolamento de certas relações mais particulares, mais intimas e mais agradaveis?

EMILIO.

Não percebo o que a senhora me pergunta.

MATHILDE.

Eu tambem não, mamã.

D. EMILIA.

(*Sorrindo.*) Lá vae mais explicado o meu pensamento. O senhor Emilio, logo que começou a ganhar dinheiro pelo seu officio . .

EMILIO.

(*Com importancia.*) Perdão, senhora D. Emilia; pela minha *arte.*

D. EMILIA.

(*Rindo.*) Ou pela sua arte. Nunca me lembro d'essas conveniencias e aristocracias das classes operarias. . .

EMILIO.

Em todas as classes as ha, minha senhora; e não deve levar a mal. . .

MATHILDE.

De certo: a mamã não pode levar a mal. . .

D. EMILIA.

Não levo, não; essa aristocracia exprime os brios de artista, que são sempre louvaveis e dignos da maior consideração. Mas voltemos ao assumpto. O senhor Emilio, logo que adquiriu meios de ganhar a vida, pediu-me licença para sair de minha casa e ir viver á sua custa. Demonstrei-lhe o mais que pude, que não nos incommodava com a sua estada aqui; mas o senhor insistiu; e eu, não querendo offender o seu amor proprio. . .

EMILIO.

Perdão, minha senhora: faça-me a justiça de acredi-

tar que não foi amor proprio ; foi uma das acções mais rasoaveis que tenho feito na minha vida. A senhora serviu-me de mãe ; mandou-me ensinar isso que hoje sei, e não me pareceu proprio que, depois de tantos obsequios, eu continuasse a viver á sua custa, como um mandrião, como um homem inutil. O que havia eu de fazer ao dinheiro que recebia pelo meu trabalho ? Dar parte do meu ganho ao seu mordomo ? A senhora não consentia isto, nem era proprio que um homem da minha classe tivesse o atrevimento de offerecer o seu dinheiro para ajudar as despezas diarias da senhora e do senhor Morgado. Por consequencia, das duas uma : ou eu havia de continuar, como um mandrião, a comer á custa alheia ; ou havia fazer uma proposta , que de certo escandalisaria os meus bemfeitores. Preferi. . . (e juro-lhe que me custou bastante !) preferi sair de sua casa, e ir viver só lá na minha agua-furtada da rua de Santo Antonio. Creio que todo o homem de juizo fazia isto, sem que ninguem se lembrasse de chamar-lhe ingrato.

D. EMILIA.

Ah ! nem eu lh'o chamo. Longe de mim tal pensamento ! Mas se o senhor Emilio continuasse a viver aqui, e que as suas despezas, por consequencia, fossem menores, tinha um fim muito justo, até muito louvavel, em que podesse empregar as suas economias.

EMILIO.

Qual era, senhora D. Emilia ?

D. EMILIA.

Não consentir que seu pae, velho e já cansado, tornasse a embarcar. Podia estabelecel-o em alguma coisa. . .

EMILIO.

Vá-lhe dizer isso, se quer ouvir que coisa é o amor a esses mares de Christo! Já algumas vezes lhe disse que ficasse por cá; mas nada! Nem que o matem! Ainda na ultima viagem que fez, e em que não ganhou *vintem*, ou pouco menos, eu lhe pedi... Nada! *é malhar em ferro frio*!

D. EMILIA.

Bem; lá se avenham. O que eu acho desnatural, e que até me causa dó, é vêl-o tão moço e privado dos carinhos e agasalho de uma familia.

MATHILDE.

E' verdade, é; mette dó.

EMILIO.

Que lhe heide eu fazer?

D. EMILIA.

O que hade fazer!... Procural-a.

EMILIO.

Mas aonde quer a senhora que eu vá achar uma familia assim do *pé para a mão?*

D. EMILIA.

E' facilimo. Procure... noiva; case-se.

EMILIO.

Eu!?...

MATHILDE.

(*Rapidamente.*) Ora. . é ainda tão moço, mamã!

D. EMILIA.

Está bom! A menina não é competente para dar opiniões a este respeito.

MATHILDE.

(*A'parte.*) Ora esta! Nem que eu não fosse já uma senhora!

EMILIO.

(*Que tem estado com os olhos no chão, e remexendo com o chapeo*) Mas, senhora D. Emilia. . . Não. . . sim. . . quero dizer; não é tão facil como parece á primeira vista. . .

D. EMILIA.

O que? achar uma noiva? E' o que falta por esse mundo!

EMILIO.

E' verdade. . . mas. . . sim, nem todas servem, e eu sou tão escrupuloso que. . . Além d'isto, não posso casar sem o consentimento do pae, e. . .

D. EMILIA.

E' muito justo; porém, como elle é rasoavel. . .

EMILIO.

Pois sim; mas tem muito mau genio. . .

MATHILDE.

E' verdade, mamã; o senhor José sempre tem um genio!...

EMILIO.

E depois... um rapaz solteiro vive bem; mas com os appensos de mulher, e...: (*sorrindo com acanhamento*) sim, quero dizer...

D. EMILIA.

Que não quer casar, não é assim?

EMILIO.

Lá o não querer, não é tanto assim; mas... preciso esperar algum tempo.

MATHILDE.

E' melhor, é.

D. EMILIA.

(*Severa para Mathilde.*) Já que é desobediente, quero que me diga immediatamente porque diz que *é melhor*!

MATHILDE.

(*Acanhada.*) Ora, mamã... perdoe... mas...

D. EMILIA.

(*Severa.*) Vamos!... diga!

MATHILDE.

(*Muito perturbada.*) Mas... a mamã zangou-se e tem razão... Se me perdoasse!...

D. EMILIA.

Vamos!

EMILIO.

(*Commovido.*) Ora, senhora D. Emilia!... Estar agora a *apoquentar* a menina... por minha causa... Se eu soubesse não tinha cá vindo!...

MATHILDE.

(*Rapidamente*) Não, não, senhor Emilio! Fez bem em vir visitar-nos!... A mamã já me perdôa: quer ver?... (*Lançando-lhe os braços ao pescoço*) Perdôa, minha querida mamã?!

D. EMILIA.

(*Beijando-a commovida.*) Perdôo, sim, minha filha.

EMILIO.

(*Radiante de alegria.*) Logo vi! O anjo da guarda não pode estar zangado muito tempo com os outros anjos!

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Que corações! E que amor, infelizmente! (*Alto, disfarçando a commoção.*) Mas que palavras tão bonitas que o senhor Emilio ahi disse! Pareceu-me agora poeta!

EMILIO.

Quando as coisas saem do coração hãode por força ser bonitas. Nós cá os operarios, tambem sabemos dizer o que sentimos.

D. EMILIA.

(*A'parte, levantando-se muito commovida.*) Vão lá ralhar comelles !. . . Pobres rapazes! (*Alto, disfarçando.*) Mas aquella gente fica a almoçar todo o dia ! Eu já venho ! (*A'parte.*) Se me percebem esta commoção, então é que elles mangam comigo ! (*Sae.*)

SCENA VIII.

EMILIO E MATHILDE.

EMILIO.

Sempre é muito boa a senhora sua mãe! Eu bem vi que ella ia assim *a modos de apoquentada*! Aquillo era por ter ralhado com a menina.

MATHILDE.

Era, era ; tambem eu estou convencida d'isso. Sempre assim lhe acontece ; quando ralha parece que depois ainda fica com mais pena do que eu propria. E em eu chorando ! . . . Ai, meu Deus ! Então é que é ver que coisa é uma *carinha* de santa !

EMILIO.

E é uma santa, diz bem ! (*Machinalmente como aterrado.*) E lembrar-me eu. . . (*Suspende-se.*)

MATHILDE.

Lembrar-se de que ?

EMILIO.

Nada, nada... E' cá uma coisa. Que lhe pareceu aquelle dito d'ella, a respeito de eu me casar?

MATHILDE.

Ora, que me havia de parecer... Acho...

EMILIO.

Que ella tem razão, não é assim?

MATHILDE.

Sim... por um lado... Mas o senhor é ainda tão rapaz!...

EMILIO.

No entanto aquillo hade acontecer mais dia menos dia... porque, a fallar a verdade, vivo tão só, tão aborrecido... tenho dias que até chego a andar assim a *modos de amalucado... tristonho e...*

MATHILDE.

Pois sim, eu não sou positivamente de voto que se não case, mas...

EMILIO.

Mas o que?...

MATHILDE.

Tenho medo que... Com franqueza: o senhor bem sabe que sou muito sua amiga, que fomos creados ambos, que estou costumada a vêl-o quasi todos os dias... emfim, que irmão meu que o senhor fosse, eu não o estimava mais!

EMILIO.

(*Radiante de alegria.*) Bem sei, menina *Mathildes*; e esteja certa que é por eu acreditar n'isso, que ainda tenho algum bocadinho de alegria, e que ainda me não levou a breca com tristeza por ahi por algum canto.

MATHILDE.

O senhor tambem é muito meu amigo, e tanto que, quando não pode visitar-me qualquer dia, manda-me immediatamente uma cartinha de desculpa; o que eu muito agradeço, (*com muita importancia*) porque apesar de ser ainda uma creança, esses obsequios e attenções conheço-os eu: não me caem no chão.

EMILIO.

Ah! não faço mais do que o meu dever.

MATHILDE.

Ora agora vamos nós a saber; e se o senhor casar? Já não pode vir cá tanto a miudo, porque hade estar ao pé da sua mulher, quando acabar o seu trabalho; hade passear com ella; emfim, hade ser muito amigo d'ella, e eu o que tenho medo, é que pelos *amores novos se troquem os velhos.*

EMILIO.

(*Turbado.*) Os amores?!...

MATHILDE.

Sim; isto é um *anexim* muito antigo que ha.

EMILIO.

Pois como a menina tem medo que isso aconteça, deixe estar que não me casarei nunca.

MATHILDE.

Não, isso não; quando eu casar tambem...

EMILIO.

(*Diligenciando sorrir.*) Ah!... sim... quando a menina casar... (*Com anciedade.*) Já se vê, d'aqui a muito tempo, não?

MATHILDE.

Eu sei; quando o papá quizer.

EMILIO.

(*Anciosamente.*) Mas... sim, elle já pensaria n'isso?

MATHILDE.

Creio que não... (*Reparando n'elle.*) Mas o que tem? Parece que está sobresaltado...

EMILIO.

(*Sorrindo.*) Então que quer, menina!... Esta idéa de a ver casada... Não é que eu receiasse não poder vêl-a quando quizesse... mas, com franqueza, tenho medo que vá cair nas mãos de alguem, que não saiba dar-lhe todo o valor...

MATHILDE.

Não, não é d'esperar. O papá hade ser escrupuloso na escolha.

EMILIO.

(*Duvidoso.*) Eu sei, menina!... Olhe que esta sua classe não é d'aquellas onde se encontram muitos casamentos felizes. Ha sempre certas coisas... por exemplo: os dotes como a menina tem; um bom par de contos de réis, segundo já ouvi dizer. Pode apparecer algum homem rico, mas que o queira ser ainda mais, e o seu pae por conveniencias, ou por... emfim, diga que sim, que lhe dá a menina em casamento, e afinal o tal *sucio* não hade passar de um especulador, um avarento, um *apanha-dotes*, como ha por ahi tantos. Depois a menina é que hade padecer...

MATHILDE.

Credo! Não esteja a agoirar!

EMILIO.

Hoje em dia vê-se d'isto á cada passo. Se a menina não tivesse um dote bom, se fosse da minha classe, então *outro gallo me cantara*! Cá na gente do povo, como não ha dinheiro a ganhar com os casamentos, quando um homem casa é porque quer bem á mulher. Faz-se tudo muito melhor. Um rapaz gosta de uma rapariga: chega-se ao pé d'ella, e diz-lhe muito francamente: — O' menina, eu gosto muito da sua pessoa! Você quer casar comigo? Não sou homem de *comes e bebes*; gosto de *patuscadas*, mas debaixo d'ordem. Ganho a minha vida por este ou aquelle officio ou arte: ponho-lhe a casa com madeira de pinho, mas nova: compro-lhe um capote de panno azul, umas *arrecadas* d'oiro para as orelhas, umas botinhas de salto (tudo isto pa-

ra irmos aos domingos passear ás hortas), e um vestido de seda preta para o dia do casamento. Serve-lhe? (*outro tom*) Ora aqui tem como se fazem os casamentos cá entre nós: é com este *palavreado*, e quando elle se chega a dizer... (*com fogo*) maldito seja aquelle que não tiver affeição verdadeira á mulher! Parece que até Deus o amaldiçôa!

MATHILDE.

Como isso é bonito! Como hade viver feliz a gente d'essas classes!

EMILIO.

Nem sempre; tambem ha cada um, que faz arripiar os cabellos! Maus homens, que até deshonram as classes operarias! Homens, em geral, sem educação, sem principios nenhuns, que vão para as tabernas, em logar d'irem para as fabricas; que bebem muito vinho até se embebe... embriagarem; que vão para casa *ferrar a pancada* com a familia, e fazer *ir tudo pelo pó do gato*!

MATHILDE.

Já ouvi dizer que até ha alguns que batem nas mulheres!... Credo!

EMILIO.

Infelizmente ha muitos!

MATHILDE.

Parece impossivel! Ao menos na minha classe temos isso de bom; não me consta...

EMILIO.

Ha alguns, mas são raros. Cá na minha... é uma mi-

seria! A culpa não é d'elles, não é do povo: a falta de instrucção é que faz tudo; cada vez estou mais capacitado d'isto. Lá na minha fabrica, por exemplo, ha homens que são perfeitamente uns *brutinhos* (Nosso Senhor me perdôe!). Ha outros que sabem ler e escrever, e alguns até seu bocadinho de francez. Quer saber o que acontece? Não ha noticia que um d'estes trate mal a sua familia; em quanto que os outros são todos uns *escalda-favaes*, uns relaxados, uns beba... digo, amigos do vinho. E quer saber porque é esta differença? E' porque os que sabem ler e escrever lêem livros bons, e entreteem-se com aquillo. Quando estão trabalhando conversam uns com os outros a respeito dos livros que leram lá em casa: dão o seu voto se este é melhor do que aquelle, etc. Depois, como não ha ninguem que não tenha um bocadinho de orgulho, querem todos saber mais do que os companheiros, e agora o verás! é ler, ler, até se acabar o azeite da candeia, ou até cair para a banda o morrão do ultimo *coto* de sebo!

MATHILDE.

Como gosto de o ouvir, senhor Emilio! Isso para mim são tudo coisas novas! Ainda estou gostando mais d'esta conversa do que d'aquella d'outro dia, quando me esteve a explicar como é que se fazia o panno lá na sua fabrica. Mas diga-me uma coisa; esses outros homens de que fallou primeiro, os maus, os que batem nas mulheres, e... (*com tristeza*) talvez até nos filhinhos!

EMILIO.

(*Como affirmando.*) *Está bom*! Se batem.

MATHILDE.

Coitadinhos! Mas esses homens, se a sua maldade provém da falta d'instrucção, porque é que não aprendem?

EMILIO.

Ora, aquillo, n'alguns, já vem de paes para filhos...

MATHILDE.

Mas devia haver alguem que os ensinasse por caridade...

EMILIO.

Qual caridade; por obrigação, é o que devia ser. Andam por ahi alguns homens honrados e muito litteratos a gritar todos os dias pela instrucção do povo, mas é o mesmo que nada! Conseguiram só fazer associações, mas quem julga a menina que vae lá ás taes associações? São os bons, os que não precisam d'aquillo para serem homens honrados. Os maus... vistel-os? nem eu! Não, que esses vão para a taberna!

MATHILDE.

Era obrigal-os!

EMILIO.

Isso é lá com os governos, e os governos n'esta nossa terra...

SCENA IX.

OS MESMOS, SOARES, D. EMILIA, E SOUSA.

SOARES.

(*Entrando e rindo.*) O que é isto? Conspira-se aqui contra o governo?

EMILIO.

(*Comprimentando-o.*) Senhor Pedro. . .

MATHILDE.

(*Com importancia.*) Estavamos tratando de instrucção publica.

SOARES.

(*Rindo.*) Era melhor que se occupassem da *quadratura do circulo*: pelo menos achavam mais verdade.

EMILIO.

(*Acanhado.*) Eu talvez. . . sim, talvez que esteja incommodando; e. . . se a senhora D. Emilia quer alguma coisa d'este seu criado. . .

D. EMILIA.

Vae para Lisboa?

EMILIO.

Vou, sim senhora; vou com o meu vagar; chego antes do meio-dia.

D. EMILIA.

Se passa lá por casa, faça favor de dizer á Anna que me mande a minha sombrinha verde.

SOARES.

E o barrete de dormir do senhor Morgado, que fallou n'elle tres vezes.

EMILIO.

(*Comprimentando.*) A's suas ordens, meus senhores e senhoras.

SOARES.

Eu tambem saio, senhor Emilio; vou dar um passeio até á estrada. Queres vir, Mathilde?

MATHILDE.

(*Supplicante.*) Se a mamã dá licença...

SOARES.

Dá, sim: quero ouvir-lhes o resto das suas reflexões sobre a instrucção publica. Põe o chapeo, anda. (*A meia voz para D. Emilia, em quanto Mathilde vae pôr o chapeo.*) Vou palpar o terreno; faze por cá o mesmo a respeito do senhor Sousa, e... depois fallaremos.

MATHILDE.

Prompta, meu tio.

SOARES.

Vamo-nos embora.

MATHILDE.

Até logo, mamã! (*Beija-lhe a mão e a face, e comprimenta Sousa.*) Senhor Sousa...

SOUSA.

(*Curvando-se.*) Minha senhora...

(*Mathilde sae pelo braço de Soares, e Emilio segue-os.*)

SCENA X.

D. EMILIA E SOUSA.

SOUSA

Finalmente, estamos sós outra vez, minha senhora; agradeço ao acaso que...

D. EMILIA.

(*Sorrindo.*) Ao acaso? Não me disse a meia voz que desejava fallar-me?

SOUSA.

Quer dizer que...

D. EMILIA.

Que o acaso, muitas vezes, apparece de proposito...

SOUSA.

(*A'parte.*) Bem bom!

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Deus permitta que elle não entenda a comedia.

SOUSA.

V. ex.ª tem alguma coisa de interesse para me dizer?

D. EMILIA.

Tenho.

SOUSA.

Tambem eu, minha senhora.

D. EMILIA.

Já estou anciosissima por saber o que é!

SOUSA.

(*A parte.*) *Anciosissima!...* A mulher não mudou, decididamente. (*Alto.*) As senhoras devem ter sempre a primazia em tudo; rogo-lhe, portanto, que se digne fallar primeiro.

D. EMILIA.

Comtudo, foi v. s.ª quem primeiro me disse que...

SOUSA.

Tenho a honra de observar-lhe, que se gastarmos o tempo em delicadezas... escusadas entre nós...

D. EMILIA.

Diz bem; lá vae em poucas palavras. O senhor tem em seu poder umas cartas minhas de bastante compromettimento.

SOUSA.

Se são de compromettimento, não sei; o que sei é que effectivamente tenho algumas cartas suas.

D. EMILIA.

E que responderia o senhor se eu hoje, depois de dezenove annos, lhe pedisse que me entregasse essas cartas?

SOUSA.

Responder-lhe-hia: minha senhora, na secretaria particular de seu pae existem uns papeis de bastante compromettimento para mim. Onde param esses papeis?

D. EMILIA.

Se lá estavam, lá hãode estar.

SOUSA.

Ninguem os veria?

D. EMILIA.

Ninguem.

SOUSA.

Parece incrivel que seu mano...

D. EMILIA.

Meu mano tem a mesma repugnancia que eu tenho de descobrir os segredos de quem já lá está.

SOUSA.

Por consequencia posso acreditar que elle ignora...

D. EMILIA.

Tudo.

SOUSA.

Bem! V. ex.ª quer as suas cartas, não é assim?

D. EMILIA.

Quero-as... tanto como a vida!

SOUSA.

São suas, no dia em que vencer essa tal repugnancia, e me apresentar *todos os papeis* mais particulares que perteneiam a seu pae.

D. EMILIA.

Isso agora...

SOUSA.

Hesita?

D. EMILIA.

Não, mas... preciso reflexionar...

SOUSA.

As reflexões são bem cabidas quando o tempo sobra; mas n'estas circunstancias... Sim... pode seu mano darlhe na cabeça ir ver os taes papeis, e...

D. EMILIA.

De grande ponderação devem ser! Esses receios...

SOUSA.

São, não o nego: autoriso-a até... (*Emendando-se*) quero dizer, peço-lhe que os leia, e verá que tal é o compromettimento para nós ambos.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Vejamos... (*Alto.*) No entanto, não imagina a repugnancia que me causa o mexer n'esses papeis!... E' uma puerilidade, talvez; mas... parece-me que Deus me castigaria se me atrevesse a...

SOUSA.

E' uma puerilidade, disse bem, minha senhora; mas estou certo que... (*tirando uma carteira*) que vou animal-a a... a *tudo!* (*Tira da carteira um pequeno masso de cartas e lê uma*): « Meu querido Francisco.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Parece impossivel que eu tratasse assim este homem!

SOUSA.

(*Continuando.*) « Grandes novidades! Hoje ao meio dia « esteve cá o Morgado, quando o senhor foi ao Banco. Fal- « lou muito tempo com o papá; e, pelas poucas palavras que « ouvi, pareceu-me que o casamento ficou definitivamente « tratado. Estou afflictissima! Não appareço ao jantar, por- « que tenho os olhos vermelhos de chorar, e não quero que « o papá perceba nada d'isto. » (*Acabando de ler.*) A ingenuidade com que v. ex.ª escrevia n'este tempo!

D. EMILIA.

(*Sem lhe responder.*) Mais nada?

SOUSA.

Falta o periodo mais *interessante.* (*Lendo e accentuan-*

do as palavras.) « Veja se se lembra de algum expediente « para evitar este casamento. Pense todo o resto do dia que « eu farei o mesmo; e *depois da meia noite venha fallar-* « *me.* Adeus, até á noite. »

D. EMILIA.

(*Mordendo os beiços.*) Mais nada?

SOUSA.

Pois que mais?

D. EMILIA.

Julguei que adiante d'esse — *venha fallar-me* — teria eu escripto: *debaixo da janella do meu quarto que diz sobre o jardim.*

SOUSA.

(*Com malicia.*) Nada; v. ex.ª não escreveu isso: queira ter a bondade de ver. (*Mostra-lhe a carta sem a largar.*)

D. EMILIA.

(*Depois de observar.*) E' verdade: no entanto, sabe perfeitamente que era sempre onde nos fallavamos.

SOUSA.

(*Rindo.*) Perfeitamente, mas o mundo é que não quer saber d'isso. Por esta carta só comprehende que havia um rapaz n'uma casa onde havia tambem uma senhora; que se amavam, e que *depois da meia noite* se entretinham em colloquios amorosos. Aqui está o que o mundo hade ver unicamente n'esta carta. E tem razão! Realmente, era de mau gosto, que estando eu em casa fosse apanhar o ar da noite para...

D. EMILIA.

No entanto, assim era.

SOUSA.

As nossas consciencias bem o sabem: mas o mundo... (*como tomado por uma idéa.*) Mas espera... essa insistencia!... Dar-se-ha o caso que... (*Indo ao fundo observar.*)

D. EMILIA.

O que?

SOUSA.

(*Depois de observar todas as portas.*) Perdão, minha senhora; como v. ex.ª já não é a ingenua de ha dezenove annos, e vendo essa sua insistencia, occorreu-me a idéa de que v. ex.ª se lembrasse de postar alguem escondido, afim de... de desenganar o mundo a respeito das nossas relações... platonicas...

D. EMILIA.

(*A'parte.*) E gostei eu de similhante homem! Que tolas que nós somos aos dezenove annos! (*Alto.*) Vejo, com bastante pesar, que não está de boa fé n'este negocio!

SOUSA.

Ao contrario, minha senhora; receei agora tel-a de mais fiando-me em v. ex.ª Peço perdão; enganei-me.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) A minha vontade é esganal-o.

SOUSA.

Para abreviarmos este negocio. (*Tirando outra carta.*) Depois d'esta seguiu-se... Ah! mas primeiro recapitulemos. Depois de seu pae saber dos nossos amores, ficou, como v. ex.ª disse, zangadissimo; e, se não me poz na rua, foi... nem eu sei porque. Creio que foi porque me estimava muito. No entanto, esperando talvez que o tempo e a ausencia esfriassem a nossa desmedida paixão, mandou-me para o Porto tratar de alguns negocios. Lá estive tres mezes, e, para allivio das saudades, todos os correios eu tinha o gosto de receber uma carta de v. ex.ª Aqui está uma para amostra do estylo de v. ex.ª, quando as saudades a ralavam tambem. (*Lê.*) «Isto não é viver! Vê se vens para Lisboa «quanto antes, aliás não respondo eu propria pela minha vi«da! (*resmuneando*) an... an... an... etc.» Ah! chegámos a um periodo elegantissimo! Queira v. ex.ª reparar. (*Lendo.*) «As lembranças do passado servem de mais me atormen«tar! Recordo-me com saudade (*accentuando*) *d'aquellas fe«lizes noites* em que n'uma intima e deliciosa conversação «me dizias palavras, que nem imaginação de poeta disse «nunca, nem lyra de trovador cantou jámais!»

D. EMILIA.

Como eu era *bucolica* n'essa epoca!

SOUSA.

(*Continuando.*) «Como eramos felizes, meu Francis«co!...» etc. Ora, dá-se n'esta carta a mesma circunstancia da outra; isto é, ninguem imaginará que eu saisse ao jardim para dizer as taes palavras de poeta.

D. EMILIA.

Bem, bem; isso já está dito. Creio que me reconhece sufficiente intelligencia para se convencer de que tenho a consciencia do meu compromettimento, e do meu pouco juizo, quando tinha dezenove annos.

SOUSA.

(*Com galanteria.*) A primeira asserção concedo-a; a segunda não a admitto. V. ex.ª era então uma menina inexperiente, sincera...

D. EMILIA.

Et cætera. Ora diga-me, senhor Sousa; e entre todas essas cartas não tem uma que... sim, que tambem o compromette soffrivelmente?

SOUSA.

Que me compromette? Nada, não, minha senhora.

D. EMILIA.

Pois não tem uma, remettendo-lhe dinheiro?...

SOUSA.

Ah, sim; é esta. (*Tirando outra carta.*) Mas recapitulemos tambem o que deu causa a esta carta, e á remessa annunciada. Vim do Porto; pedi-a formalmente em casamento, e a resposta de seu pae foi um redondo *não*. Insisti; jurei-lhe que me ia suicidar; v. ex.ª fez lhe o mesmo juramento. O senhor Soares aterrou-se com esta jura, e disse-me que me daria a mão de v. ex.ª no dia em que eu me apresentasse com uma fortuna soffrivel, isto é, digna do dote que v. ex.ª devia ter. Perguntei-lhe em quantos annos; respondeu-me — em seis! Era pouco, realmente! Pe-

di-lhe que me emprestasse dinheiro para começar no negocio; negou-m'o, e... poz-me fóra de casa! Saí desesperado! Escrevi a v. ex.ª uma carta annunciando-lhe a minha partida para o Brasil, mas não lhe assegurando que faria fortuna, porque partia sem dinheiro. Lembrei-me de lhe propor que me emprestasse o seu dote...

D. EMILIA.

Que a todo o tempo me restituiria.

SOUSA.

Sim? não me recordo d'essa observação. V. ex.ª, como via que era o unico meio de podermos casar, e sabendo perfeitamente onde estava esse dinheiro, em que seu pae nunca tocava, annuiu á minha proposta, e no dia seguinte tive o dulcissimo prazer (por isso que era o unico meio de adquirir fortuna, e por consequencia de lhe chamar minha mulher), tive o dulcissimo prazer, digo, de receber dez contos de réis em metal, papel e inscripções, acompanhados por esta suavissima carta. (*Lendo.*) «Vaes deixar-me, talvez para sempre! Juro-te que nunca pertencerei a outro homem! «Para mais facil cumprimento d'este meu voto, ahi te remetto esse dinheiro, que era destinado para o meu dote. É teu, Francisco, assim como eu não posso ser senão tua! A «todo o tempo me restituirás esse dinheiro...» (*Suspendendo-se.*) Ah! é verdade; cá está a tal especie de condição! Vejo que v. ex.ª é mais lembrada do que eu. (*Continuando.*) «Esse dinheiro, que o ceo fará prosperar, porque é «destinado á felicidade de dois entes que tanto se amam! «Adeus, Francisco, etc.»

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Realmente, não se concebe como eu fosse tão imbecil! (*Alto.*) Mas, repito, senhor Francisco de Sou-

sa: essa carta compromette-o tanto como a mim. Não sei como ainda a conserva!

SOUSA.

Perdão, minha senhora; esta carta compromette-me, talvez; mas moralmente, na opinião publica; e é uma das coisas de que hoje faço menos caso. Quanto ao lado positivo, isto é, ao rigor das leis... nada tenho que receiar.

D. EMILIA.

Não sei... se se provar que v. s.ª induziu uma menina inexperiente, uma filha familia a... (*Suspendendo-se.*) O verbo é um pouco desagradavel, mas...

SOUSA.

Diga, diga, minha senhora; a *roubar*... Sim, não ha outro; póde dizer.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Que descaramento, meu Deus! (*Alto.*) Pois bem, se se provar que fui induzida pelo senhor a roubar meu pae...

SOUSA.

Mas é que v. ex.ª não roubou seu pae; v. ex.ª roubou-se a si propria.

D. EMILIA.

Como a mim propria? Não me consta que os dotes sejam propriedade dos dotados, mas sim...

SOUSA.

Bem; n'esse caso, v. ex.ª não roubou ninguem. Quem

era o seu futuro marido? o escolhido pelo seu coração? Era eu: logo v. ex.ª não fez mais do que...

D. EMILIA.

Dar-lhe o dote adiantado?

SOUSA.

Tem uma penetração! E' isso exactamente.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Se fosse homem tinha-me deitado a perder com este *sevandija*.

SOUSA.

Quanto á minha carta em que lhe propuz o tal *adiantamento* de dote, e que é o unico documento que pode haver contra mim, está junta certamente a esses papeis de seu pae, porque, segundo o que v. ex.ª me escreveu para o Brasil, seu pae exigiu-lhe todas as minhas cartas logo que deu pelo rou... quero dizer, pela falta do dote.

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Vejamos até onde isto chega. (*Alto.*) Effectivamente entreguei-lhe todas, excepto essa, que tive a prudencia de rasgar.

SOUSA.

(*Radiante de alegria.*) Pois v. ex.ª fez isso?!

D. EMILIA.

Que precisão tinha eu de o enganar? Rasguei essa carta, já lh'o disse.

SOUSA.

E' um anjo, minha senhora! Realmente, não imaginei que tivesse tanto jui... digo, tanta prudencia!

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Tu m'as pagarás.

SOUSA.

Por consequencia... sejamos francos. V. ex.ª é a unica compromettida perante a opinião publica.

D. EMILIA.

(*Com affectada tristeza.*) Desgraçadamente é verdade. Mas espero do seu cavalheirismo...

SOUSA.

O meu cavalheirismo!...

D. EMILIA.

(*A'parte.*) Mal empregada palavra.

SOUSA.

(*Rindo.*) Ah!... ah!... Sim, minha senhora; estes documentos passam á sua mão, no dia em que v. ex.ª me entregar os papeis de seu pae.

D. EMILIA.

E é só essa a condição que...

SOUSA.

Não, minha senhora; tenho outra, mas não me convem por em quanto dizer-lh'a.

D. EMILIA.

Então quando?

SOUSA.

Outro dia... depois d'ámanhã, por exemplo... emfim, depois de v. ex.ª ter em seu poder esses papeis...

SCENA XI.

OS MESMOS E O MORGADO. (*Que vae a entrar, mas fica observando.*)

D. EMILIA.

Bem; cedo espero tel-os na minha secretaria.

SOUSA.

D'aqui até lá, segredo e mysterio...

D. EMILIA.

Como até aqui.

SOUSA.

(*Com ternura affectada.*) Porque não diz *como d'antes*?!...

D. EMILIA.

Não percebo!...

SOUSA.

Minha senhora; eu não sou tão mau como talvez lhe pareça!... Será possivel que esse coração esteja tão frio como v. ex.ª pretende mostrar?

O MORGADO.

(*A'parte.*) Que diabo d'historia é esta!?

D. EMILIA.

(*Rindo.*) O meu coração não está frio, senhor Sousa; está frigidissimo!

SOUSA.

Então... não poderei lembrar-me do passado mais do que como um sonho... Não poderei esperar...

D. EMILIA.

Pode esperar.. (*estendendo-lhe a mão e rindo*) Silencio e mysterio!...

SOUSA.

(*A'parte.*) Já não é pouco! (*Alto, beijando-lhe a mão.*) Está na sua mão que o meu futuro seja uma vida de... de felicidade! (*A'parte, depois de a saudar.*) E de dinheiro! (*Sae.*)

D. EMILIA.

(*Comsigo respirando largamente.*) Safa! Já não podia! Julguei que abafava de colera!

O MORGADO.

(*Descendo á scena, collocando-se comicamente de braços crusados defronte d'ella, e n'um tom melodramatico.*) Senhora D. Emilia !! . . .

D. EMILIA.

(*Com indifferença.*) Ah ! é o senhor Morgado. . . (*A'parte.*) Elle ouviria ? . . .

O MORGADO.

Minha senhora ! Vi, com estes que a terra hade comer ! Ouvi com estes que os bichos hãode. . .

D. EMILIA.

Viu o que ?

O MORGADO.

E ouvi ! ! . . .

D. EMILIA.

Mas o que ? . . . o que ?

O MORGADO.

Ouvi (*imitando a voz d'ella.*) *Silencio e mysterio. . .*

D. EMILIA.

(*Anciosa um pouco.*) Mais nada ?

O MORGADO.

E que mais era preciso ? ! Cheguei ao final da conversa, infelizmente ! Mas ouvi bastante para. . . para. . . para lhe dizer : (*gritando.*) Minha senhora ! ! . . .

D. EMILIA.

Não grite, não grite, que hãode julgar que ralha comigo.

O MORGADO.

Que ralho. . . Ora essa ! ! . . . E quando assim fosse. . . que é !. . . sim senhor ! Ralho ! Estou ralhando ! . . . Heide ralhar, porque vi. . . vi. . .

D. EMILIA.

Viu o que ?

O MORGADO.

Aquelle homem sair d'aqui. . .

D. EMILIA.

E' porque tinha entrado, está claro.

O MORGADO.

D'acôrdo. Mas saiu beijando-lhe a mão, e. . .

D. EMILIA.

E' moda ; pois não sabe ?

O MORGADO.

Será, quero até que seja ; é, com toda a certeza ! Mas o que quer dizer aquelle tom *aflautado* com que elle disse : está nas suas mãos que o meu futuro seja uma vida de. . . de felicidade ! ?

D. EMILIA.

Quanto ao tom *aflautado*, como lhe chama, supponho que é devido á *acustica* da casa...

O MORGADO.

Acrustica!?... Qual acrustica nem meia acrustica! Julga que me engana com essas palavras enygmaticas?! E o que quer dizer a *vida de felicidade*, que a senhora tem nas suas mãos?

D. EMILIA.

Merecia que eu o castigasse, não lhe respondendo...

O MORGADO.

E' o que faltava!

D. EMILIA.

Aquelle sugeito gosta da Mathilde, e acabava de m'a pedir em casamento. Ora aqui está o grande mysterio!

O MORGADO.

(*Socegando.*) Ah! e a tal felicidade era... Ah! sim, sim; percebo! Mas... é coisa que convenha?

D. EMILIA.

Não sei; fallaremos depois. Agora o que lhe peço é que para a outra vez não seja tão... pateta! (*Sae.*)

O MORGADO, SÓ.

E sou, é verdade! Pobre senhora! Olhem que testemunho! Safa! O grande caso é que fiquei tão sobresaltado que... Se eu tivesse alguma coisa para me distrahir... Ah! já sei! Vou ver se consigo matar outro cuco. (*Sae.*)

Cae o panno.

ACTO II.

Uma sala elegante e mobilada ricamente.

SCENA I.

Mathilde sentada ao piano canta um romance, e Emilio, que vae a entrar, fica meio occulto pelo reposteiro escutando-a attentamente.

EMILIO.

(*Commovido.*) Muito bem, menina Mathildes! Muito bem!

MATHILDE.

(*Vendo-o e correndo para elle.*) Ah! é o senhor Emilio!

EMILIO.

Com effeito! Gosto mais de a ouvir do que ir ao theatro de S. Carlos!

MATHILDE.

Ora! isso é um crime de *lesa-harmonia*! Mas vamos nós a saber... Sente-se primeiro.

EMILIO.

(*Sentando-se.*) Com licença, menina Mathildes.

MATHILDE.

Vamos nós a saber: porque não vem cá ha dois dias?

EMILIO.

(*Turbado.*) Ora... tenho tido tanto que fazer...

MATHILDE.

Ainda bem, que é signal de ganhar bastante dinheiro. Mas porque não me escreveu?

EMILIO.

Olhe, menina; eu... sim, desejava bastante que conversassemos primeiro n'outra coisa, porque a esse respeito ... sim, tenho coisas muito tristes para lhe dizer.

MATHILDE.

(*Assustada.*) Coisas muito tristes para... O' senhor Emilio! Falle!... falle depressa!

EMILIO.

(*Muito commovido.*) Como assim o quer... como não me dá licença para que eu seja feliz mais um bocadinho...

MATHILDE.

Ih! Jesus! Falle, pelo amor de Deus, senhor Emilio! Está-me a assustar de tal maneira com esses ares de tristeza!...

EMILIO.

(*Limpando os olhos.*) Lá vae!

MATHILDE.

(*Sentando-se mais proxima d'elle.*) Está a chorar!... O' meu Deus!... (*quasi chorando tambem.*) Que tem?!... diga, diga depressa!

EMILIO.

(*Diligenciando serenar-se.*) Menina Mathildes, peço-lhe pelo amor de Deus, que não... que não mostre tanto interesse por mim, quando não ainda tenho mais pena de...

MATHILDE.

(*Afflicta.*) O senhor quer que me dê alguma coisa com esta incerteza, com esta anciedade em que estou! Explique-se!

EMILIO.

Eu digo, menina; eu digo. A mamã não está cá, não é assim?

MATHILDE.

Não está, não.

EMILIO.

Logo vi; já se vê que foi combinação! Pois, menina Mathildes, saberá que houve alguem que estranhou esta minha confiança com a menina; que se lembrou de dizer que ... sim, eu até tenho vergonha de...

MATHILDE.

Diga, diga!

EMILIO.

Lembraram-se de dizer que esta minha amizade pela menina não era só amisade, não era só por termos vivido um com o outro desde *pequenitos*; lembraram-se de dizer que era... eu sei lá o que elles disseram!

MATHILDE.

Mas elles quem?

EMILIO.

O senhor seu pae e a senhora sua mãe.

MATHILDE.

Mas então disseram...

EMILIO.

Ora... que eu... quero dizer, a menina... ou, não, não, era eu; olhava para a menina com outras vistas.

MATHILDE.

Com outras vistas?!... Ora esperem!... de casar comigo talvez?

EMILIO.

(*Envergonhado.*) Creio que é isso.

MATHILDE.

(*Alegre.*) Oh! quem dera!...

EMILIO.

(*Arrebatado.*) O que diz, menina Mathildes?!

MATHILDE.

Digo que... (*envergonhada.*) Ora... não digo nada!

EMILIO.

(*Triste.*) Não reparou no que disse; isso sei eu!

MATHILDE.

Ah! ficou triste outra vez? Pois, sim senhor, é verdade! *Oh! quem dera casar com o senhor Emilio!* Foi o que eu disse; é bem feito!

EMILIO.

(*Radiante de alegria.*) O que, menina Mathildes?! Pois é crivel que quizesse ser minha mulher?!

MATHILDE.

Oh! era bem bom! Aquella conversa do outro dia, a respeito dos dotes... E de mais, não sou eu tão sua amiga? Depois do papá, da mamã e do tio, não é o senhor Emilio a pessoa que eu mais estimo? Até... Deus me perdoe

se minto! Parece-me que sou tão sua amiga como da mamã e do papá.

EMILIO.

(*A'parte.*) Valha-me Deus! Que martyrio!

MATHILDE.

Olhe, sabe que mais? Se eu não fosse ainda uma creança, até havia de jurar que isto que sinto pelo senhor era o mesmo que esse amor das senhoras já grandes...

EMILIO.

O' menina! O que está a dizer?!

MATHILDE.

Sim senhor; é como lhe digo. Esse amor que eu tenho lido nos romances apresenta os mesmos symptomas, a mesma anciedade, o mesmo pensar constantemente... emfim, ia jurar... Mas não, não; eu sou ainda uma creança...

EMILIO.

(*Apertando-lhe a mão.*) E' um anjo, menina Mathildes, é um anjo! Parece que Deus me quer castigar do meu atrevimento, dando-me a certeza de que... sim, a certeza porque eu suspirava ha tanto tempo!

MATHILDE.

O seu atrevimento!?

EMILIO.

(*Resoluto.*) Sim, o meu atrevimento! Acabemos com

isto, que assim é preciso! O meu atrevimento... quer saber qual é?

MATHILDE.

Quero.

EMILIO.

E' grande, muito grande! Eu, pobre e creança, fui creado em sua casa pelo amor de Deus; fui ensinado a ganhar dinheiro, a ser homem honrado, e o pago que dei a quem tanto bem me fez, foi... foi...

MATHILDE.

Foi o que?

EMILIO.

Foi o não fugir da menina, logo que percebi que esta minha amisade já ia passando fora das marcas!... (*Mathilde vae-se alegrando, pouco a pouco, durante a falla de Emilio*) Foi continuar com os meus pensamentos sempre *apegados* a uma idéa... indigna da menina! Foi o não fazer parar este coração, que todos os dias lhe queria cada vez mais! Foi o atrever-me a escrever-lhe ás escondidas, atiçando ainda mais estes segredos da alma! Emfim, menina, foi o deixar me chegar a ponto de lhe ouvir o que a menina acabou de me dizer! E tudo isto porque... porque... porque lhe tenho mais do que amisade, mais do que amor, mais do que tudo! Porque lhe quero mais do que ó anjo da minha guarda, do que ó santo do meu nome! Porque lhe quero tanto como a proprio Deus; não digo mais, visto que o odio o tanto a elle com os meus peccados, como á menina com este amor que... que nunca hade ter fim!

MATHILDE.

Pois o senhor Emilio ama-me?!

EMILIO.

(*Com força.*) Se amo, menina Mathildes!!... (*Suspendendo-se.*) Mas... perdoe-me!... perdoe-me, que eu creio que até ando meio doido! Estou a offendel-a com estas palavras!... É até uma deshonra para a menina!...

MATHILDE.

Uma deshonra!? (*Com dignidade.*) Senhor Emilio, a mamã tem-me dito muitas vezes, que a soberba é um peccado indigno, maldito por Deus, e despresado pelos homens! Tem-me dito tambem que a honra é o principal ornamento que se deve exigir em qualquer pessoa, seja qual for a sua condição; uma vez que ella exista, essa pessoa tem direito a... a tudo. Estas são as formaes palavras de minha mãe! Por consequencia... o senhor é um homem honrado, está n'este caso: caia sobre ella o mal que vou fazer. Segundo os seus conselhos, não querendo ser soberba, e prestando á honra a maior homenagem que posso prestar, digo-lhe, tomando a Deus por testemunha, que.. (*Com muita dignidade.*) Senhor Emilio! Já não posso duvidar sobre os meus sentimentos! O senhor ama-me!... pois bem, levante essa cabeça, que o homem honrado não a deve curvar nunca! (*Agarrando-lhe na mão.*) Olhe bem para mim, e leia nos meus olhos se minto quando lhe juro que nunca pertencerei a outro homem, porque tambem o amo!

EMILIO.

(*Caindo de joelhos.*) Meu Deus! meu Deus! Porque não heide eu morrer agora!

SCENA II.

OS MESMOS E JOSÉ DA SILVA (*em trajes de embarcadiço.*)

JOSÉ.

(*Ao fundo.*) Não morres, por Deus entender que me devia guardar mais este desgosto !

EMILIO.

(*Espantado.*) O pae !!!

MATHILDE.

O senhor José da Silva !

JOSÉ.

(*Contendo a colera.*) Sim senhor, menina ; sou eu mesmo. . . e. . . e peço-lhe que vire já *por d'avante*, porque tenho medo de dizer alguma palavra. . . que lhe offenda os ouvidos !

MATHILDE.

A mim ?! mas. . :

JOSÉ.

Ora vamos, menina ; faça favor de. . .

EMILIO.

Mas, meu pae. . .

JOSÉ.

(*Gritando.*) Cale a bocca, *só tratante!*

MATHILDE.

O senhor José não se lembra que está em casa...

JOSÉ.

Da senhora D. Emilia Soares, a minha bemfeitora, a minha... Pode acreditar, menina Mathildes, que conheço esta casa ha mais annos do que a menina!

SCENA III.

Soares apparece por detraz de um reposteiro, e chama Mathilde com um aceno.

MATHILDE.

(*Vendo-o, áparte.*) O tio chama-me!... Ouviria elle tudo?!... (*Vae ter com elle.*)

SOARES.

(*A meia voz.*) Vem cá, Mathilde; tenho que te dizer. (*Desapparecem os dois.*)

SCENA IV.

JOSÉ DA SILVA E EMILIO.

JOSÉ.

(*Contendo a colera.*) Ora estamos sós, senhor Emilio. Faz favor de me explicar o que quer dizer aquillo que eu vi?

EMILIO.

(*Turbado.*) Meu pae!...

JOSÉ.

Vamos lá, responda! Não se *ponha á capa*, olhe que para cá vem *barrado*! Olé, pois você larga todo o *panno* para dizer aquellas coisas á filha de quem lhe deu o pão, e agora está a mascar, como quem masca tabaco! Vamos lá, *só piloto de má morte, só rato de porão*, responda já!

EMILIO.

Mas o que quer o pae que eu lhe responda?

JOSÉ.

Tem razão; não responda nada! Eu é que lhe vou responder... eu é que lhe vou dizer a você, *só alfenim pardo*, o que você fez, e o que você é. Então isto não é mais do que dar *abordagem* assim a navio do estado, *heim?* Com que então você, *só* tecelão ordinario, atreve-se a *catrapiscar* a neta do patrão, que Deus haja? Então você não tem vergonha...

EMILIO.

(*Com dignidade.*) Eu creio que não a offendi n'aquillo que disse!

JOSÉ.

Não a offendeste, descarado d'*uma figa*! Não a offendeste!? Então um homem cá da nossa laia atrever-se a ser capitão d'aquella *rasca*, não é offendel-a?

EMILIO.

O pae não ouviu o que ella disse; que um homem honrado tem direito...

JOSÉ.

Isso é um homem honrado.

EMILIO.

(*Offendido.*) O' pae!... Pois eu não sou...

JOSÉ.

Não! és um *maroto*! O homem honrado não pratica o que você fez! O homem honrado, morre, estala ao canto d'uma parede, mas não vae atirar com uma bala d'estas á casa onde lhe mataram a fome, e onde lhe cobriram o corpo do frio! Um homem honrado não põe seu pae no risco de ver o filho ir a ponta-pés pela porta fora da casa dos seus antigos patrões! Um homem honrado...

EMILIO.

(*Acabrunhado.*) Vocemecê, segundo vejo, fez tenção de

me apoquentar até eu fazer alguma *tolice!*... Faça favor de me ouvir, e depois...

JOSÉ.

Qual ouvir, nem meio ouvir! Que tem *vobecê* que me dizer, senão confessar que é um tratante?

EMILIO.

Não sou, pae; eu lh'o mostrarei. Sou, mas é um... um desgraçado! O senhor Morgado e a senhora D. Emilia já sabem d'isto, e...

JOSÉ.

Olhem com que cara lhe heide eu apparecer!... Que *carranca* de prôa elles me não fariam!

EMILIO.

Mas o pae não tem culpa d'isto, e tanto que... Vou-lhe contar tudo.

JOSÉ.

Ora vamos lá a ouvir.

EMILIO.

O senhor Morgado foi hontem lá a casa e mais a senhora D. Emilia; e disseram-me que... (*Suspendendo-se.*) Mas *vocemecê* começa outra vez a descompor-me...

JOSÉ.

Olhem que pena! Olhem que vergonha que elle tem... Vá, vá! Quero saber tudo!

EMILIO.

Depois de muita conversa o senhor Morgado disse-me, que estando a menina Mathildes em edade de casar, não parecia bonito que... sim, que tivesse uma amisade tão grande comigo, e...

JOSÉ.

E que não tornasses a pôr aqui os pés, não é verdade?

EMILIO.

Pouco mais ou menos. Depois a senhora D. Emilia disse-me que viesse hoje visital-a, que provavelmente não estaria em casa, e que então podia eu despedir-me da menina Mathildes, e... (*Muito suffocado.*) Sim, o pae bem viu; foi exactamente o que eu fiz.

JOSÉ.

Fez, fez, bem vi; mas fêl-a bonita, não tem duvida! Foi metter coisas na cabeça á rapariga, que agora ainda lhe hade custar mais a... Isto só por trezentos diabos! (*passeando agitado.*) Venho da Costa d'Africa, chego ao Porto, embarco no vapor da companhia para vir abraçar esta *bella peça.* Chego á *casinhola,* dizem-me que tinha vindo para casa da patrôa antiga. Faço-me logo de vela, com o sentido de matar de uma cajadada dois coelhos, que era ver este *alfenim*, e abraçar a patrôa; vae d'ahi chego e dou com este *presepio!* Isto só pelos diabos! Não me dirão com que cara heide apparecer aos patrões?!

EMILIO.

Mas *vocemecê* não tem nada com isto!... Valha-me

Deus! Deixe estar que não lhe heide envergonhar mais a cara!... Vou-me embora de Lisboa... ou do reino!... (*Muito commovido.*) Sou um bom official do meu officio, em toda a parte heide ter que comer.

JOSÉ.

Que diabo estás tu ahi a *alanzoar!* Então que tem lá que *você* se vá embora?! Fica remediada a *vergonhaça* porque eu vou passar, quando me disserem...

EMILIO.

Pois bem, pae; se lhe disserem alguma coisa a este respeito, diga o pae que... sim, metta-me a ridiculo... diga que já se não importa comigo, porque sou um maroto... que já não quer saber de mim, porque abusei da confiança dos senhores... Emfim, diga-lhe tudo isto, e verá como elles continuam a ser seus amigos, e a tratal-o bem. Para não o metter cá n'esta tolice minha, vou-me embora... fugo!... (*Não podendo já conter o choro.*) O' pae!... pae!... Vocemecê não faz idéa do que eu estou a soffrer!... (*Cae n'uma cadeira tapando a cara com as mãos.*)

JOSÉ.

(*Correndo para elle.*) O' rapaz!... ó rapaz do diabo! Pois tu não vias que não te podia acontecer outra coisa, senão isto mesmo?!

EMILIO.

Não pensei, fiz mal! Mas que lhe havia eu fazer, se o coração sempre me governou mais do que a cabeça!

JOSÉ.

(*Commovido.*) Está bom, não estejas agora com essas pa-

lavras, que me fazem *cocegas* cá no juizo! E's infeliz, paciencia! Lá isso de dizer mal de ti, *e achincalhar-te*... isso lá não faço eu, que afinal sempre és meu filho! (*Limpando os olhos.*) Pobre diabo!

EMILIO.

(*Estendendo-lhe a mão.*) Então o pae tem dó de mim?

JOSÉ.

Não sei lá o que tenho!... *Quem é tolo pede a Deus que o mate*...

EMILIO.

(*Com força.*) Oh! se elle me ouvisse!

JOSÉ.

Credo! Olha o diabo do rapaz! O bem que tem é que *vozes de burro não chegam ao ceo*!

EMILIO.

(*Que tem olhado para dentro.*) O' pae, vem ahi alguem...

JOSÉ.

Vira de rumo!... Safa! safa!... (*Vão a sair.*)

EMILIO.

Já não pode ser!

SCENA V.

OS MESMOS E SOARES.

SOARES.

Olá, senhor José da Silva! Até que emfim chegou!...

JOSÉ.

(*Atrapalhado.*) Viva, senhor Pedro! Cá estamos ás ordens para...

SOARES.

Não pode imaginar a conta que me fez a sua chegada.

JOSÉ.

(*Baixo para Emilio.*) Vê lá se o entendes, anda! Estamos arranjados! (*Alto.*) Eu é que não posso perceber...

SOARES.

Preciso muito fallar-lhe sobre coisas de familia...

JOSÉ.

(*A'parte.*) Bem bom!

SOARES.

E como o tempo não é para desperdiçar...: Senhor Emilio, se fizesse favor de me deixar só com seu pae...

EMILIO.

(*Estremecendo.*) Pois não. . .

SOARES.

Pode ir para o escriptorio, que lá está a pequena para conversarem na instrucção publica.

JOSÉ.

(*A'parte.*) Então que diabo!. . . Elle manda-o ir ter com ella!

EMILIO.

(*Turbado.*) Então. . . se v. s.ª dá licença. . .

SOARES.

Vá, vá; eu não demoro muito seu pae.

EMILIO.

Então. . . com licença. . . A sua benção, pae.

JOSÉ.

Deus te ajude. . . (*A'parte.*) Olha o que eu disse!

(*Emilio sae.*)

SCENA VI.

SOARES E JOSÉ.

SOARES.

Ora, senhor José, vamos tratar de um assumpto grave bastante, e preciso dos seus serviços para conseguir um fim muito louvavel, e até... sagrado.

JOSÉ.

(*A'parte.*) Eil-o comigo! (*Alto.*) Pois senhor, eu estou sempre ao seu dispor... mas, sim, quero dizer, o rapaz é um creançola...

SOARES.

Qual rapaz?

JOSÉ.

Qual? O Emilio; pois não é d'elle que...

SOARES.

Não, homem; deixemos lá essas tolices. Aquillo não vale de nada. Estive agora fallando com a pequena, e... afinal é tudo uma creancice: talvez que lhes passe a ambos essa mania.

JOSÉ.

Ah! cuidava que v. s.ª queria fallar a respeito de...

SOARES.

Não, não é d'isso; é coisa muito mais seria.

JOSÉ.

(*A'parte.*) Ora esta! Se todos elles disserem o mesmo...

SOARES.

Senhor José, vocemecê lembra-se bem de meu pae?

JOSÉ.

Nada, não heide lembrar-me! Tão pouco lhe devo eu!

SOARES.

Onde foi que tomou conhecimento com elle?

JOSÉ.

Abordo da galera *Adianna*, de que elle era capitão, e que n'esse tempo já era muito sua. Fui para lá como contra-mestre, e...

SOARES.

Depois, quando elle se deixou d'embarcar, o senhor ficou vivendo...

JOSÉ.

N'esta casa, sim senhor. Eramos tão amigos... isto é, sempre com o respeito de superior.

SOARES.

E vocemecê creio que viveu sempre com elle, até que depois do seu fallecimento, não podendo resistir a esse amor ao mar, resolveu-se a embarcar novamente; não foi assim?

JOSÉ.

Saberá v. s.ª que sim senhor; foi exactamente assim.

SOARES.

E em vida do pae creio que era o seu mais intimo amigo?

JOSÉ.

Já disse a v. s.ª...

SOARES.

Mas, quero dizer, até segredos intimos meu pae lhe communicava, não?

JOSÉ.

(*Tristemente.*) Sim senhor.

SOARES.

E durante esse tempo, não havia mais ninguem, quasi de familia, que partilhasse tambem essa amisade?

JOSÉ.

(*Cada vez mais sombrio.*) Havia, sim senhor; havia em casa um homem de quem o senhor seu pae tambem era

muito amigo... Ora, o patrão era amigo de todos! Aquillo é que era um bom coração! Deus lhe falle n'alma!

SOARES.

E esse outro amigo chamava-se Francisco de Sousa?

JOSÉ.

(*Com fogo.*) O' senhor Pedro! Pela Senhora da Bonança lhe peço que me não falle n'esse... n'esse nome! Antes quero ver no mar largo o *ardentia* oito dias a fio, ou sentir estalar o *cavername* d'encontro a um baixo, do que ouvir fallar de similhante homem!

SOARES.

E comtudo... tenha paciencia, senhor José; hade-me ouvir fallar n'elle, e até vocemecê me hade fallar. Vae n'isso empenhada... a minha honra.

JOSÉ.

Vae, vae; lá isso vae.

SOARES.

Porque? já sabe...

JOSÉ.

Sim, senhor Pedro, sei. Eu já esperava que mais anno menos anno, v. s.ª me havia de vir cá perguntar por esses contos passados...

SOARES.

Bem; e julga do seu dever responder-me, não é assim?

JOSÉ.

Sim senhor; é a minha obrigação. E tanto eu já esperava por isto, que... (*tirando uma carteira muito sebenta*) quando chego de alguma viagem, e que venho visitar esta gente, trago sempre comigo um papel, que... cedo ou tarde, sempre esperei que v. s.ª me pedisse. (*Tira uma carta.*)

SOARES.

E' de meu pae, não?

JOSÉ.

(*Commovido.*) E', sim senhor.

SOARES.

Se m'a deixasse ver...

JOSÉ.

Alto lá; o senhor seu pae disse-me que lh'a lesse no dia em que v. s.ª me protestasse que... sim, que se queria vingar, ou emfim, ver de alguma forma como poderia arranjar este negocio.

SOARES.

Pois esse dia chegou; dou-lhe a minha palavra d'honra!

JOSÉ.

Bem, então... queira lêl-a.

SOARES.

(*Lendo-a.*) « Amigo José: sentindo aproximar-se o fim « da minha vida, vou communicar-te um segredo, d'estes « que só se dizem no leito da morte. Serei breve, e oxalá « que me comprehendas. Uma deshonra, uma nodoa infa- « mante manchou o meu nome. Minha filha, que eu julga- « va pura como os anjos, não o é!... Esse infame, a quem « eu servi de pae, que sentei á minha mesa, finalmente, a « quem eu chamei amigo, trahiu-me!... roubou-me a hon- « ra!... Esse homem, levado certamente por vistas ambi- « ciosas, seduziu a minha pobre filha! Elle mesmo m'o con- « fessou, julgando talvez conseguir os seus ambiciosos fins, « porque amor não era de certo, que uma alma d'aquellas « não pode ter amor a ninguem! Por consequencia, cal- « cando aos pés a vergonha, preferi ficar deshonrado, a fa- « zer minha filha infeliz, casando-a com similhante homem. « Se foi victima da seducção d'esse infame, não quiz que o « fosse da sua autoridade conjugal. Como sabes, puz esse « homem pela porta fora. Hoje porém, estou arrependido, « porque no fim de tudo... minha filha fica deshonrada. « Encarrego-te, pois, meu bom amigo, de, como melhor en- « tenderes, conciliares este desastroso negocio. Eu não pos- « so, porque não vivo tres dias! Similhante desgosto ma- « ta-me! Procura, pois, esse homem; vê se o fazes cumprir « com os seus deveres, e o resultado... será o que Deus « quizer! Meu filho Pedro está em Paris a estudar. Não « lhe quero dizer nada; pobre rapaz! Comtudo, deixo-lhe « apontamentos na minha secretaria: se elle entender que « deve punir por sua irmã, lá lhe deixo recommendado que « te procure, e te consulte. Adeus, meu bom José; acceita « o ultimo abraço do teu verdadeiro amigo — Antonio Soa- « res.»

JOSÉ.

(*Limpando os olhos.*) Pobre homem! Aquelle pode bem dizer-se que morreu... que o mataram com desgostos!

SOARES.

(*Disfarçando a commoção.*) E vamos agora a saber, senhor José da Silva: o que fez o senhor para cumprir o que meu pae aqui diz?

JOSÉ.

Fiz o mais que podia fazer. Fui ao Brasil logo depois da morte do senhor seu pae; procurei por essa bella peça do tal Francisco de Sousa. Encontrei-o empregado... mal sabe v. s.ª em que! Negociava em escravos!... O maldito até me saiu negreiro! Fallei-lhe; disse-lhe que o patrão já tinha morrido; pedi-lhe que viesse para Lisboa casar com a senhora sua mana; disse-me que não, porque tinha recebido o dote, e então que já não esperava mais nada! Esquentei-me com isto... Nada, se lhe parece! Um descaramento d'aquelles! Deito-me a elle, para o fazer em postas, mas *filaram-me;* elle *passou o pé,* e fiquei tres mezes preso por amor da tal *gravana.*

SOARES.

E nunca mais o tornou a ver?

JOSÉ.

Espere lá, que agora é que vae ser o mais fino. Quando aquelles senhores entenderam que eu já tinha *comido os pés com as mãos* na cadêa, soltaram-me, e como o meu navio já tinha seguido viagem, embarquei-me n'outro que ia crusar. N'uma noite, demos caça a um navio negreiro. Agar-

rámol-o, e segundo o costume prendeu-se o capitão, já se vê um marinheiro, a quem o verdadeiro capitão deu certamente um bom punhado de libras, para se declarar como tal. Tomámos conta do navio, e passámos grande parte da tripulação para o nosso, que era de muito mais gente e força. Seguimos o primeiro rumo, para deitarmos em terra a tripulação e os negros; eis senão quando... quem imagina v. s.ª que eu vi encostado á *mecha de gurupés barlavento* fumando no seu cachimbo todo *catita*, e vestido de marujo?

SOARES.

Foi elle?

JOSÉ.

Exactamente! aquelle grandicissimo tratante do Sousa, que era o verdadeiro capitão do negreiro! Já se vê, o primeiro passo que dei para elle foi com o sentido de lhe metter no corpo tres polegadas e meia de bom aço, ou *ferrar* com elle no *charco*, mas sustive-me, e lembrei-me que talvez estivesse já virado para o matrimonio. Fallei-lhe, fingiu primeiro não me conhecer, mas no fim pediu-me de mãos postas que o não matasse, nem o deitasse a perder, porque já estava disposto a casar com a patrôa. Enguli a peta! Fui mais estupido que uma *alforreca*, por que afinal fez-me uma *partida* mais *arreliosa* do que a primeira. Como julguei que estava arrependido, e como eu o que queria era fazer a vontade do senhor seu pae, contei tudo ao commandante do navio, que era um valente official, e já muito meu amigo; de forma que aquelle maroto era tratado a bordo... ora, *meu Santo Antoninho onde te porei!*

SOARES.

Então tratavam-no bem, depois de saberem... Não percebo!

JOSÉ.

Pois nós o que tinhamos era medo que elle adoecesse com maus tratamentos, e que *esticasse a canella*, por que então adeus casamento! E como eu cuidava que o arrependimento não era fingido... Emfim, comia á mesa do commandante, fumava-lhe o tabaco, jogava com elle ..até dormia na camara! Pois quer saber o que aquelle tratante fez? Chegámos a terra, passa-nos as *palhetas*...

SOARES.

Mariola!

JOSÉ.

Ladrão! d'esta vez até foi ladrão, por que, ao commandante furtou-lhe da caixa do *belixe* 580$000 réis, e a mim, que tambem lá tinha os meus ordenados, levou-me 57$600, que eram dois mezes. Até ao pobre moço da camara lhe levou 12$000 réis que a creança tinha destinado para a mãe. *Eim*? que tal é o *patusco?*

SOARES.

(*Com despreso.*) E isso a quem o tratava assim!

JOSÉ.

E isto a quem o livrou de ir dar com os ossos á *Serra-Leóa*! Trinta mil vidas que tivesse...

SOARES.

Depois nunca mais o viu?

JOSÉ.

Qual historia! *Nem raça* d'elle! Tornei para Lisboa,

e quando cheguei vim dar com a sr.ª D. Emilia já casada. Deixei-me de pensar mais n'isto ; mas, olhe, senhor Pedro, quer que lhe diga? Se encontrasse agora aquelle ladrão... atirava-lhe tamanha *picada* a *estibordo* que lhe juro que não comia mais pão!

SOARES.

Para que? Isso era desgraçar-se: as coisas não se fazem assim. Então para que servem as leis?

JOSÉ.

Que as leve o diabo! Servem para deixar tres mezes de *remolho* um innocente, como eu fui, só por que quiz dar dois socos n'aquelle maroto, e deixaram-no a elle passear á vontade e fazer das suas! Pois olhe, a denuncia do roubo lá foi para o Rio; mas, nada... Vistel-o? nem eu! Leis!.. leis!... Leis como a bordo! *Pão n'uma mão, chicote de cabo na outra*! Isto é que são leis!

SCENA VII.

OS MESMOS E D. EMILIA.

(*Vestida como quem vem de passear.*)

D. EMILIA.

(*Entrando*) Ora até que chegou, senhor José!

JOSÉ.

A's suas ordens, patròa! Com os demonios! Cada vez está mais moça e mais bonita!

D. EMILIA.

Tambem vocemecê está cada vez melhor. Já vejo que o ar do mar remoça.

SOARES.

Não me disseste que era hoje que devia procurar-te... aquella pessoa?

D. EMILIA.

E' hoje, e... (*olhando para o relojo*) não pode tardar.

SOARES.

Bem, preciso combinar comtigo... (*para José*) Senhor José da Silva, tenho uma boa noticia a dar-lhe. Saberá que a pessoa de quem fallámos ha pouco... está em Lisboa.

JOSÉ.

(*Alegrissimo.*) Está em Lisboa?!...

SOARES.

Está, e tanto que d'aqui a pouco hade vir a esta casa...

JOSÉ.

Ai, que bom, que bom!.. O' senhor Pedro, v. s.ª dá licença que eu...

SOARES.

Dou lhe licença para fazer... (*accentuando*) *tudo quanto quizer.*

JOSÉ.

(*Radiante d'alegria.*) Ai o diabo do homem!.. Hei-de pôl-o em *arvore secca*! Com licença, senhor Pedro! Com licença, patrôa! (*Sae muito apressado.*)

SCENA VIII.

SOARES E D. EMILIA.

D. EMILIA.

O que irá elle fazer tão apressado?

SOARES.

Provavelmente vae arranjar *a cama* ao senhor Francisco de Sousa.

D. EMILIA.

Pois o José sabe...

SOARES.

Sabe tudo. Não percamos tempo. E' preciso combinarmos... (*tira uns papeis*) Em primeiro logar saberás explicar-me o que deu causa áquella embirração de teu marido em querer casar a pequena com o Francisco de Sousa?

D. EMILIA.

Foi uma circunstancia muito simples: como já te disse, esse homem tem em seu poder cartas minhas. Ha dias,

ainda estavamos na quinta, pedi-lh'as, e elle prometteu-m'as sob a condição de que eu lhe daria todos os papeis que estão na carteira do pae...

SOARES.

Que eu tenho agora aqui. Vem tarde! Vamos adiante.

D. EMILIA.

Prometti-lh'os, e elle, valendo-se d'esta promessa e lembrando-se da nossa antiga correspondencia, creio eu, teve o atrevimento de se despedir de mim com uma certa amabilidade... demasiada! Meu marido, que ouv'u aquella despedida, entrou todo espantado julgando-se já trahido, de forma que eu, para o socegar, não tive remedio senão... mentir-lhe. Disse-lhe que o Sousa acabava de me pedir a Mathilde em casamento. O Morgado metteu-se-lhe isso na cabeça, e fallou elle mesmo ao Sousa a este respeito. O Sousa, que já tencionava fazer aquelle pedido, que, segundo depois me disse, era a outra condição que exigia para a entrega das minhas cartas, ficou contentissimo; reiterou o seu pedido, de modo que hoje não sei como isto se hade fazer.

SOARES.

Não te dê cuidado: tudo se hade arranjar. Como eu estou convencido da innocencia das tuas antigas relações com esse infame...

D. EMILIA.

(*Contrariada.*) Já te tenho pedido por vezes, que me não falles n'isso! Essa insistencia... Parece que ainda duvidas!..

SOARES.

Não duvido, não; não te considero tão dissimulada, que

soubesses fingir a ponto de me enganares! No entanto... perdoa o desgosto que te vou causar, Emilia! houve uma pessoa que morreu com a convicção da tua deshonra.

D. EMILIA.

Quem foi?!

SOARES.

O pae!

D. EMILIA.

O pae?!

SOARES.

Sim, escuta. (*Tira uns papeis.*) Estes papeis são os taes que estavam na secretaria, e que o Sousa tem tanto empenho de possuir. Ouve primeiro esta carta, que me é dirigida. — (*lê*) «Meu filho: aqui deixo ficar esta carta para ti; «não sei se te irá ás mãos. Se fôr, á vista d'ella farás o que «a tua consciencia te ditar. Meu Pedro, a nossa honra está «manchada perante Deus e os homens! Esse malvado, a quem «chamei amigo, foi quem a manchou! Inclusa te deixo a car«ta d'elle, que prova a sua infamia. A minha edade e o meu «pouco animo, não me permittem vingar-me. O que fiz ape«nas foi pôr fóra de casa esse indigno. Quanto a tua irmã, «não lhe disse uma palavra, nem faço tenção de dizer. Se suc«cumbiu por má indole, uma reprehensão ou um castigo não «lhe serviria d'emenda: se foi victima d'uma seducção, e se «foi só o amor que a perdeu, não a quero martyrisar mais! «Bem sabes o meu genio apoucado e timido. N'esta occasião «devo ser franco para comtigo. Tu, meu Pedro, que és um ra«paz d'intelligencia e instrucção, que vives n'esse turbilhão «de Paris, deves conhecer o mundo e os homens. Faze, pois, «o que a tua pratica te ensinar. O Morgado de Lanhellas pe«diu-me a Emilia para casar; não lh'a neguei, por que receei «que desconfiasse, mas tenho espaçado o casamento á espera «de... de morrer! Sim, meu filho; este desgosto matou«me!.. Bem conheço o estado em que estou!.. Procura o «José da Silva, e aconselha-te com elle. Pede-lhe que te mos-

« tre a carta que n'esta mesma data lhe escrevo, e combina « com elle o que deves fazer. »

D. EMILIA.

(*Que tem estado como estupefacta*) Com que então o nosso pobre pae morreu com a convicção de... Oh! meu Deus! E eu que não sabia... Mas como pôde elle imaginar...

SOARES.

Já o vaes saber. (*Mostrando-lhe outra carta.*) Conheces esta letra?

D. EMILIA.

(*Observando-a.*) E' do Sousa!

SCENA IX.

OS MESMOS E O MORGADO.

(*Que vae a entrar, mas que fica occulto observando-os.*)

SOARES.

E'; foi esta carta, que fez adquirir ao pae a convicção da tua desgraça! Foi esta carta tão infame como o seu autor, que assassinou o nosso infeliz pae! Ouve, Emilia, e vê que tal era o homem que o teu coração tinha escolhido. (*Lendo*) « Meu bemfeitor! Pedi-lhe sua filha em casamento; « negou-m'a: vejo-me, pois, na precisão cruel de lhe fallar com « toda a franqueza. Não foi só o desmedido amor que me le- « vou a pedir-lhe sua filha; foi um dever d'homem honrado:

« essa menina não pode casar com outra pessoa; essa meni-
« na pertence-me pelos laços mais indissoluveis que possam
« existir. Seja a minha confissão a primeira expiação do meu
« crime! Como vê por essa carta que inclusa lhe remetto. . . »
(*suspende-se, e mostra-lhe uma carta pequena.*) Effectivamen-
te o tratante enviou-lhe juntamente uma carta tua, em que
fallavas de certas entrevistas nocturnas. . .

D. EMILIA.

Que homem tão infame!

SOARES.

(*Continuando a leitura da carta.*) « Como vê por essa
« carta que inclusa lhe remetto, a senhora D. Emilia teve
« frequentes entrevistas comigo. O resultado foi. . . o que era
« d'esperar do nosso amor e das nossasedades! . . . Senhor
« Soares, essa menina *deve impreterivelmente* ser minha mu-
« lher! . . » (*suspendendo-se*) Já se vê, sublinhou o — deve im-
preterivelmente!

D. EMILIA.

Que calumnia tão vil!

SOARES.

Que especulação tão completa, é que hasde dizer. (*Con-
tinuando*) « Se não consente n'este casamento, acredite, se-
« nhor Soares, que a mim tira-me a vida, e a sua filha a hon-
« ra! Em todo o caso, não lhe diga nada, por que muitas ve-
« zes me tem jurado que se v. s.ª soubesse alguma vez das nos-
« sas relações criminosas, tomaria um veneno para se não ex-
« por a similhante vergonha; e eu que lhe conheço bem o ge-
« nio, affirmo a v. s.ª que não é isto um simples juramento
« de mulher: é um proposito firme e inabalavel. Sua filha ma-

« ta-se no dia em que v. s.ª lhe disser que sabe tudo. Seu « Att.º Venerador etc. »

D. EMILIA.

(*Espantada.*) Realmente não pode haver...

O MORGADO.

(*Vindo á scena.*) Uma infamia como esta, senhora D. Emilia!..

D. EMILIA.

(*Assustada.*) Senhor Morgado!!...

O MORGADO.

(*Muito serio e contristado.*) Não esperava similhante coisa, realmente!

SOARES.

(*Com socego.*) Então o mano estava a escutar?

O MORGADO.

Por minha desgraça, é verdade!

SOARES.

E ouviu...

O MORGADO.

Essa carta, que ahi tem na mão!

SOARES.

Ah! não ouviu mais nada?

O MORGADO.

Não senhor! E' infelicidade minha! Nunca chego senão no fim d'estas *bonitas* conversas.

D. EMILIA.

(*Com socego.*) Ah! então se não ouviu mais do que aquella carta tem razão para...

SOARES.

(*Sorrindo.*) Para se contristar; mas no entanto...

O MORGADO.

Vamos lá, senhor Pedro Soares, deixe-se agora d'essas *chalaças* costumadas! O caso é serio e muito serio!

SOARES.

Ah! lá isso é, com toda a certeza.

O MORGADO.

Pois então peço-lhe que deixe esse ar de zombaria com que sempre me trata, por que... sim, serei um asno, um palerma (*com sentimento*) serei tudo quanto o mano quizer... mas sou um homem cavalheiro, sou um homem honrado...

D. EMILIA.

(*Commovida.*) Senhor Morgado, acredite...

O MORGADO.

Em que, minha senhora?!.. (*com mais sentimento*) Fi-

zeram bem!.. Um tolo, um homem sem instrucção, um pobre diabo cheio de boa fé, não podia servir para outra coisa!.. Fizeram muito bem!.. Meio tolo e com bastante dinheiro...

SOARES.

(*Muito serio.*) Mano, é a primeira vez desde que o conheço que lhe fallo serio. Quando um homem da minha indole e da minha probidade se vê julgado por simples apparencias, esse homem julga-se duplicadamente offendido.

O MORGADO.

Que quer dizer?

SOARES.

Quer dizer que dando-lhe minha irmã em casamento tive a intima convicção de que era digna de ser sua mulher.

O MORGADO.

Mas essa convicção... teve-a...

SOARES.

E conservo-a. Não julgue pelo que ouviu, (*rindo*) aliás passo-lhe o diploma de tudo quanto teve a complacencia de se chamar a si mesmo.

O MORGADO.

Pois ainda se atreve...

SOARES.

Olhe, mano, sabe que mais? Não estou para o aturar! Preciso muito do meu socego, e da minha presença d'espi-

rito, para uma especie de combate em que me vou empenhar.

O MORGADO.

Mas....

SOARES.

Mau! Vou pela segunda e ultima vez fallar-lhe serio. Dou-lhe a minha palavra d'honra que esta carta é uma calumnia infame. D'aqui a uma hora sabel-o-ha com toda a certeza.

O MORGADO.

Porém....

SCENA X.

OS MESMOS E FRANCISCO DE SOUSA.

(*Seguido por um criado que o introduz.*)

SOUSA.

(*Ao fundo.*) V. ex.as dão licença.

SOARES.

Ah! é o senhor Sousa! estimo bastante.

SOUSA.

(*Avançando e comprimentando.*) Minha senhora... Senhor Morgado...

D. EMILIA.

(*Com frieza,*) Senhor Sousa...

O MORGADO.

Tenho a honra de....

SOARES.

Precisava dizer duas palavras ao senhor Sousa, e se me dessem licença para...

D. EMILIA.

Pois não... (*áparte*) Estou com medo d'algum excesso!

SOUSA.

(*Para o Morgado*) Tambem eu desejava fallar com v. ex.ª em particular...

O MORGADO.

Ah! sim... mas... temos muito tempo...

SOUSA.

Porém... (*fica fallando em segredo.*)

SOARES.

(*A'parte*) Boa idéa! (*aproxima-se de D. Emilia e falla-lhe ao ouvido.*)

D. EMILIA.

(*Para elle*) Mas olha que elle é muito desconfiado...

SOARES.

(*O mesmo*) Deixal-o ser; tambem eu... Hade fallar.

D. EMILIA.

Veremos. (*alto*) Vem, senhor Morgado?

O MORGADO.

Pois não, apesar de que... Emfim, vamos lá.

D. EMILIA.

(*Comprimentando.*) Senhor Sousa...

SOUSA.

Minha senhora.

(*D. Emilia sae com o Morgado.*)

SCENA XI.

SOARES E SOUSA.

SOARES.

(*Indicando-lhe um sophá.*) Se v. s.ª quizesse ter a bondade...

SOUSA.

(*Sentando-se.*) Estou ás suas ordens. (*áparte*) Que diabo me quererá elle!

SOARES.

Senhor Sousa, sabe perfeitamente que o verdadeiro responsavel pelos actos que n'esta casa se praticarem, sou eu

e mais ninguem. V. s.ª já deve ter conhecido que o senhor Morgado é uma excellente pessoa, um homem cavalheiro, porém no que pertence ao intellectual é um pouco... fraco. Minha irmã é uma senhora *demasiadamente crente*, como sabe, e por consequencia tambem não é a pessoa mais autorisada para decidir um negocio tão grave, como o que está para se concluir. Portanto, senhor Francisco de Sousa, não estranhará de certo que eu pretenda tomar conhecimento...

SOUSA.

Acho isso até muito rasoável, senhor Pedro Soares, e ter-me-hia immediatamente dirigido a v. s.ª, se a delicadeza, se as considerações sociaes me não obrigassem... Por que, apesar d'essa fraqueza intellectual do senhor Morgado, apesar da *muita crença* da senhora D. Emilia, são inquestionavelmente quem tem o verdadeiro direito na pessoa e bens da senhora D. Mathilde. Convenho que v. s.ª, moralmente fallando, é quem deve ser o arbitro n'esta união, porém eu não devia...

SOARES.

Acho muito natural o que fez, e isso me anima a fallar-lhe com franqueza a este respeito.

SOUSA.

Entre cavalheiros é sempre como se deve tratar.

SOARES.

Senhor Sousa, todos nós fomos mais rapazes, todos nós fizemos loucuras, umas desculpaveis, outras jocosas, e outras... muito serias. Visto que me prometteu franqueza, dignar-se-ha dizer-me de qual d'estas tres maneiras lhe diz a consciencia que deve classificar as suas loucuras de rapaz?

SOUSA.

Lá vae franqueza. Classifico-as... nas terceiras.

SOARES.

Nas muito serias.

SOUSA.

Sim.

SOARES.

(*A'parte.*) O homem julga que o imagino regenerado! (*alto*) Bem; quando não estivesse convencido de que v. s.ª tinha mudado, essa confissão franca e sincera, ter-me-hia immediatamente feito adquirir essa convicção. Pois bem, senhor Sousa, sabe que minha sobrinha tem um excellente dote, além dos bens vinculados de seu pae. V. s.ª terá effectivamente uma fortuna que possa equilibral-os?

SOUSA.

Não é muito grande; mas é mais do que mediocre; é preciso, porém, que entendamos, senhor Soares, que o meu pedido de casamento não é um negocio, não é uma especulação: o verdadeiro motor d'este pedido é.... o coração.

SOARES.

Ah! v. s.ª ainda tem d'isso?

SOUSA.

Ora essa! (*com affectação*) Se tenho!

SOARES.

Bem; fadou-o Deus então para amar toda a minha familia?

SOUSA.

Senhor Soares!.. Não sei como deva tomar essa interrogação!..

SOARES.

Tome-a como um dito d'espirito unicamente, se é que lhe acha algum. Mas vamos lá, *aguas passadas não fazem moer moinhos:* no entanto, o senhor tem em seu poder umas cartas... sim, parece-me que apresentou o seu pedido de casamento, como uma das clausulas para a entrega d'essas cartas que... que hão-de infallivelmente tornar á mão da sua dona.

SOUSA.

Vejo que v. s.ª sabe tudo: pois bem, senhor Soares, ha umas cartas que devem ser entregues, como diz, *infallivelmente.* Mas essa infallibilidade está dependente d'este casamento; e, continuando com a franqueza, direi que v. s.ª faria o mesmo na minha situação. Amo a senhora D. Mathilde: busco todos os meios de poder ser seu marido. A minha fortuna, como já disse, não é tentadora; procuro vencer a repugnancia da senhora D. Emilia com esses papeis que ella ambiciona: no entanto, se v. s.ª, que eu considero um completo cavalheiro, entender que n'isto que pratico ha algum dolo ou vilania, estou prompto a seguir os seus dictames, sendo rasoaveis como espero.

SOARES.

(*A parte.*) Comedia! que tratante! (*alto*) Visto que, por assim dizer, m'emprasa o meu cavalheirismo n'este nego-

cio, dir-lhe-hei, para não desmerecer do conceito em que se digna ter-me, que não acho dolo nem vilania n'isso que faz: acho só que... Receio escandalisal-o.

SOUSA.

Diga, senhor Soares; não me offende. O negocio é tão delicado que devemos sacrificar todas as conveniencias para...

SOARES.

Vejo que está de boa fé, senhor Sousa: pois bem, acho que a entrega d'essas cartas feita pelo senhor condicionalmente, é um abuso da sua energia d'homem, para com uma senhora fraca, e cujos sentimentos d'outros tempos....

SOUSA.

Ah! V. s.ª sabe...

SOARES.

Sei tudo, senhor Sousa.

SOUSA.

(*Desconfiado.*) Tudo?

SOARES.

Tudo... isto é, uns amores passados e... Emfim, senhor Sousa, ha certas coisas que n'outras circunstancias pareceria mal dizerem-se, mas actualmente é uma urgencia. O senhor Sousa já não é o rapaz de ha dezenove annos; o senhor Sousa deve conhecer as mulheres como eu as conheço, e por consequencia hade convir que não ha nada mais mysterioso, mais desuniforme, mais caprichoso, mais inexplicavel do que o coração de uma senhora. Concorda n'isto?

SOUSA.

De certo.

SOARES.

Pois bem: quem nos afiança que este seu casamento com minha sobrinha não vae tornar infinitamente desgraçada uma outra pessoa tambem digna para mim de todos os meus affectos? Quem nos diz que um coração, que já lhe pertenceu ao senhor, não pule ainda d'indignação e despeito vendo-o casado? Quem nos diz que esse coração já esteja mudo, e não que esteja adormecido unicamente á força de soffrer, e que esse casamento o vá acordar, para padecer... os maiores tormentos d'este mundo — os zelos! Quem nos diz...

SOUSA.

Mas isso são apenas hypotheses, e...

SOARES.

Hypotheses? sejam; mas realisaveis, mas possiveis, inevitaveis! O senhor não conhece as mulheres?

SOUSA.

(*A'parte.*) Isto será comedia? (*alto*) Mas não julgo provavel....

SOARES.

Fallemos claro. Que remorsos não seriam os meus, e mesmo os seus, se por um casamento pouco pensado, fossemos atirar com a desgraça a uma senhora que por differentes laços nos é tão querida! Uma mãe rival de sua filha!.. E' essencialmente repugnante esta idéa!

SOUSA.

(*Depois de olhar em silencio.*) Senhor Soares. . . custa-me a acreditar que me esteja a fallar de boa fé. Essas palavras são mais para um amigo, do que para um homem de quem se tem escandalos e *com quem antipathisou* logo á primeira vista.

SOARES.

Tem razão: mas este casamento, esta revolução repentina, deixe-me assim dizer, da nossa vida patriarchal, mudou completamente o meu modo de pensar a seu respeito. Tenho escandalos do senhor, é verdade; mas perdôo-lh'os, por que. . . rapaziadas! Eu tambem em Paris, quando queria dinheiro. . . emfim, todos fizemos tres ou quatro acções reprehensiveis em nossa vida. Em quanto á antipathia que me inspirou, não a nego; porém as relações intimas são o melhor antidoto das antipathias. Isto é, ainda ha outro melhor. São as dividas.

SOUSA.

As dividas?

SOARES.

Sim; eu antipathiso com este ou com aquelle individuo: empresto-lhe dinheiro, e logo que elle se me confessa obrigado, deixo d'antipathisar com elle. Ora o senhor, está n'este caso.

SOUSA.

Eu?!

SOARES.

Sim; pois, aqui que ninguem nos ouve, deixará de confessar que me deve dez contos de réis?

SOUSA.

(*Fingindo-se admirado.*) Eu?!

SOARES.

(*Sorrindo.*) Sim. Então o que é isso? já lá vae a franqueza? Pois não se lembra do dinheiro que levou para o Brasil quando saiu de casa de meu pae?

SOUSA.

Mas esse dinheiro...

SOARES.

Eu lhe explico: esse dinheiro era o dote de minha irmã: minha irmã não casou com o senhor, ergo... esse dinheiro ficou pertencendo á casa, de que eu fui herdeiro; e tanto, que, quando ella casou com o senhor Morgado, tive de tirar dos fundos outros dez contos de réis para substituir os que v. s.ª levou.

SOUSA.

(*Levantando-se.*) Ora, senhor Soares... agora comprehendo tudo. A' vista d'isso, não posso crer que me trate de boa fé. Sabe tudo... por consequencia...

SOARES.

Valha-nos Deus! por eu saber *tudo*, é que não tenho remedio senão tratal-o de boa fé. Podia eu ou não obrigal-o actualmente a repor essa quantia?

SOUSA.

Não sei; não havendo provas...

SOARES.

Provas ha, sim senhor; mas essas provas estão involvidas com outras que provam.... uma coisa bem desagradavel para mim.

SOUSA.

(*A'parte.*) Ah! bom! Elle tambem acredita nas minhas relações criminosas! bom!

SOARES.

Ora já vê que quem lhe falla assim....

SOUSA.

Bem; agora já acredito na sua sinceridade. Mas em conclusão, o que entende v. s.ª a respeito d'este casamento? Não quer consentir?..

SOARES.

Ainda não disse isso. Eu lhe explico o que quero. Em primeiro logar, presando em mais do que tudo a saude, o descanso e a felicidade de minha irmã, que já bastante soffreu (e o senhor *bem o sabe*!) entendo que logo que este casamento se faça o senhor deverá sair de Lisboa com minha sobrinha.

SOUSA.

Não vejo inconveniente n'isso.

SOARES.

Bem; mas para eu deixar ir essa menina para longe de mim, é preciso que tenha a intima convicção de que vae entregue a uma pessoa digna d'ella, ou pelo menos que a ame devéras e sinceramente.

SOUSA.

Para adquirir essa convicção será sufficiente a minha palavra d'honra?

SOARES.

Não, com franqueza, não; é-me preciso uma prova palpavel... Isto é, basta-me uma prova da mudança operada no senhor... uma prova do seu cavalheirismo... Emfim, senhor Sousa, vejamos; se eu, presando mais do que o dinheiro a honra da minha familia, lhe pedisse... para mim, e sem mais clausulas as cartas que tanto compromettem minha irmã; se lh'as pedisse em nome da honra, em nome de meu pae, para quem o senhor inquestionavelmente foi um poucochinho ingrato; se eu lhe pedisse esses documentos d'uma deshonra, o senhor entregar-m'os-hia?

SOUSA.

Dando-me v. s.ª a sua palavra d'honra que não divulgaria, nem me pediria contas d'aquella *rapaziada* do dote...

SOARES.

Ora, valha-nos Deus! Pois não vê que se eu mexesse n'isso era o mesmo que divulgar... Pois não vê que para essa questão era preciso trazer o nome de minha irmã?

SOUSA.

(*Com alegria, depois de pensar.*) Lá isso é verdade! Então posso contar que...

SOARES.

Já lhe disse que presava mais a honra do que o dinheiro! Ainda que quizesse não podia exigir-lhe este, sem manchar aquella.

SOUSA.

Bem... (*depois de pensar*) Comtudo, um recibo em forma...

SOARES.

(*Tirando um papel.*) Vae ver como sou previdente. (*Lendo*) «Recebi do illm.º senhor Francisco de Sousa, antigo guarda livros de minha casa, a quantia de dez contos de réis metal, que por certas contas devia a meu pae o illm.º senhor Antonio Soares, de quem sou natural herdeiro.» (*Para elle*) Assignado por mim, e reconhecido competentemente.

SOUSA.

(*Observando com sobresalto d'alegria.*) Realmente, é d'uma previdencia!

SOARES.

E boa fé, bem vê. Agora, saibamos: quer trocar este papel por essas cartas?

SOUSA.

(*A'parte, pensando.*) O diabo é o casamento! Se elle apanha as cartas!.. (*alto*) O caso é serio!..

SOARES.

E', não ha duvida. Mas lembre-se que eu exigi uma prova do seu cavalheirismo: este recibo é mais uma recompensa d'esse cavalheirismo, do que uma troca por essas cartas. Já lhe disse que não podia exigir do senhor esse dinhei-

ro da casa, porque era levantar um veo, que ninguem deve levantar! Em quanto que o senhor, querendo, pode impunemente com as taes cartas levantar esse veo.

SOUSA.

E', portanto, uma prova do meu cavalheirismo que v. s.ª exige.

SOARES.

E'.

SOUSA.

Dando-lh'a, julga-me capaz de ser marido de sua sobrinha?

SOARES.

De certo: julgo.

SOUSA.

Bem... (*tirando um maço de cartas e entregando-lh'o*) Aqui estão as cartas de sua exm.ª irmã, senhor Pedro Soares.

SOARES.

(*Desatando o maço*) E' um cavalheiro, senhor Francisco de Sousa! (*Começa a contar as cartas.*)

SOUSA.

(*A'parte.*) O' diabo! elle conta-as!..

SOARES.

(*Acabando*) Quinze, dezeseis, dezesete... (*suspendendo-se*) Falta uma, senhor Sousa: disseram-me que deviam ser dezoito.

SOUSA.

(*Fingindo admiração.*) Ah! sim... é que talvez... (*procurando em si*) talvez caisse.... (*tirando outra carta*) Ah! eil-a; tinha caido do maço.

SOARES.

Estando tão atado... é singular! Emfim... (*guardando as cartas*) Está provada a sua boa fé.

SOUSA.

(*A'parte.*) Mau, mau, que aquillo já me cheira a ironia! (*alto*) Em quanto ao recibo...

SOARES.

(*Entregando-lh'o.*) Eil-o.

SOUSA.

(*Guardando-o.*) Visto isso, agora... somos amigos, não?

SOARES.

Pois não!

SOUSA.

(*Ancioso*) E em quanto ao casamento...

SOARES.

Sim, em quanto ao casamento, vamos tratar d'isso agora, visto que o primeiro negocio, o mais essencial, já está concluido. Em quanto ao seu casamento com minha sobrinha... é impossivel

SOUSA.

Impossivel!;

SOARES.

Sim; já lhe dei a entender o que ha a esse respeito, mas agora vou-lh'o dizer positivamente. O que lhe apresentei como hypothese, é uma realidade.

SOUSA.

O que? a senhora D. Emilia...

SOARES.

Ama-o, senhor Sousa, ama-o com a mesma força dos seus primeiros annos! Ama-o ainda mais, porque é hoje uma mulher e d'antes era uma creança! Aquelle coração padece horrivelmente com a idéa de o ver casado, e... Vou revelar-lhe um segredo, que lhe escapou no auge do desespero!

SOUSA.

Um segredo?!

SOARES.

Sim; não é só o amor que a atormenta, que a mata! E' tambem... deveres, encargos... emfim, uma coisa atroz!

SOUSA.

(*Espantado.*) Não percebo!

SOARES.

(*Mysteriosamente.*) D. Emilia, tremula, confusa, e debulhada em lagrimas, deitou-se-me aos pés, confessando as suas relações criminosas com o senhor!

SOUSA.

(*Espantado.*) Confessou-lhe. . .

SOARES.

(*Crescendo em mysterio.*) Tudo! tudo! Confessou-me que a Mathilde não tem dezoito annos, mas sim. . . dezenove! . .

SOUSA.

Ora essa!! . .

SOARES.

Confessou-me, emfim, que essa menina não é filha do Morgado de Lanhellas, mas sim. . . do senhor Francisco de Sousa!

SOUSA.

(*Pasmado.*) Pois ella confessou. . .

SOARES.

Tudo! tudo! (*Dramaticamente.*) Veja, senhor Sousa, veja se se pode ser sceptico n'este mundo! Quem não hade ver o dedo da Providencia n'esta coincidencia pasmosa! Quem não hade ver n'isto um castigo dos erros passados! Uma mãe ver-se na precisão, para encobrir a deshonra, de dizer ao pae de sua filha: Ahi tens, dou-t'a em casamento!

SOUSA.

(*Arrebatado.*) Que tal é o amor que essa senhora ainda sente por mim! Pois, senhor Soares, como o negocio é serio e muito serio, como entendo que não vale a pena sacrifical-o ao capricho d'uma senhora, dir-lhe-hei que tudo isso não passa d'um romance.

SOARES.

Como?!

SOUSA.

A senhora D. Emilia, segundo vejo, ainda conserva essa paixão da mocidade. Os ciumes enlouqueceram-na, e como não achou outro meio de desmanchar este casamento projectado, serviu-se d'esse ardil para o evitar.

SOARES.

Não percebo!

SOUSA.

Comprehenderá facilmente em eu lhe dizendo, em lhe dando a minha palavra d'honra que a senhora D. Emilia nunca foi para mim mais do que uma irmã...

SOARES.

(*Espantado.*) Então essas relações criminosas...

SOUSA.

São um romance, já lh'o disse. Essa senhora ainda me ama, e entendeu que devia obstar assim ao meu casamento.

SOARES.

(*Cada vez mais espantado.*) Pois declarou-se-me criminosa para... Que tal é aquelle amor!!

SOUSA.

E' grande; já se vê que em nada mudou.

SOARES.

No entanto... Sim, eu não posso acreditar que v. s.ª quizesse commetter similhante crime com um casamento tão revoltante; mas... que significa aquella carta que achei na carteira de meu pae, em que o senhor declara que...

SOUSA.

Significa... mais uma rapaziada. Seu pae negou-me a mão d'essa senhora; eu queria obtel-a forçosamente, e... busquei esse meio, um pouco....

SOARES.

Indigno, é o termo.

SOUSA.

(*Fitando-o.*) Perdão, mas...

SOARES.

Emfim, dá-me a sua palavra d'honra que as suas relações com essa senhora foram unicamente as de... de *um namoro*?.. Sendo assim, não acho inconveniente no casamento de minha sobrinha...

SOUSA.

Dou-lhe a minha palavra d'honra que essa senhora foi para mim sempre tão pura como...

SOARES.

(*Rindo.*) Como o senhor um tratante...

SOUSA.

(*Recuando.*) Senhor!..

SOARES.

E actualmente... um asno! (*Vae correr um reposteiro e appareee o Morgado e D. Emilia.*)

SCENA XII.

OS MESMOS, O MORGADO, E D. EMILIA.

(*Formam quadro. Sousa fica tremulo e confuso. Soares ri a bandeiras despregadas; o Morgado fica a olhar para Sousa com ar melodramatico; e D. Emilia aponta-lhe para a porta com um gesto cheio de dignidade.*)

O MORGADO.

(*Depois de silencio.*) O senhor sempre é muito maroto! Safa que trastinho!

SOUSA.

(*Arrebatado de colera.*) Senhor Morgado!!..

O MORGADO.

(*Fugindo.*) Vá! se lhe parece, bata-me!

D. EMILIA.

Saia, senhor Sousa! Não prolonguemos similhante situação! (*Com despreso*) Chego a lastimal-o!

SOUSA.

(*Caminhando para a porta*) Meus senhores, tenho a honra.... Em todo o caso agradeço a generosidade do senhor Soares!.. De tudo isto, resta-me a consolação de que, se fui tolo em o acreditar, s. s.ª perdeu dez contos de réis!

SOARES.

Mas salvei o que o senhor não conhece — a honra! Foi a unica asserção verdadeira que lhe disse: Tenho em mais a honra do que o dinheiro!

SOUSA.

E eu não; são modos de pensar.

(*Vae a sair.*)

SCENA XIII.

OS MESMOS, JOSÉ DA SILVA, ANTONIO, E ALGUNS MARINHEIROS.

JOSÉ.

(*Detendo Sousa.*) Alto ahi, sô *negreiro* de mil diabos!

SOUSA.

(*Recuando.*) O contra-mestre!

D. EMILIA.

(*Assustada.*) Que significa isto, senhor Silva?

JOSÉ.

Tenha paciencia, minha senhora! Este *gaivota* de mau agoiro furtou ao meu commandante 580$000 réis, e a mim 57$600...

ANTONIO.

E a mim duas moedas e meia! (*Avançando para elle.*) Ponha já p'ra cá o meu dinheiro, sò negreiro d'uma figa!

SOUSA.

(*Muito perturbado.*) Esta gente está doida!...

JOSÉ.

Doida! Cuidas que não te conhecemos, meu carrasco de pretos!

ANTONIO.

Vá! vá! venha p'ra cá o meu dinheiro! Era para a minha velhinha, que tem mais fome do que você, sô tratante.

JOSÉ.

Ah! tu não dás o dinheiro ao rapaz, *calafate vadio*! Pois sabe, que estão lá em baixo os malsins á tua espera, para te *trancafiarem* no Limoeiro!

SOUSA.

(*A meia voz para D. Emilia.*) Valha-me, pelo amor de Deus! pela alma de seu pae!

O MORGADO.

(*Que ouviu.*) Vão para a saleta, rapazes, que eu lá vou já pagar-lhes tudo quanto este homem lhe furtou! (*Para Sousa empurrando-o.*) Saia por essa porta que lhe fica em frente; não o podem ver da outra rua. Fuja, e fique sabendo que apesar de não ter intelligencia, como disse ao mano, tenho melhor coração de que *vobecê*. Safe-se!

(*Sousa vae a sair, os marujos querem seguil-o.*)

O MORGADO.

Olá, rapazes! Então o que é isso!? Temos republica!

(*Sousa sae.*)

JOSÉ.

Vá! Vão para onde s. s.ª lhe disse.

(*Os marujos saem.*)

SOARES.

(*Commovido, chega-se ao Morgado e abraça-o.*) Mano, é a primeira vez que faz uma coisa com juizo!

O MORGADO.

(*Zangado.*) Meu proveito!

SCENA XIV.

OS MESMOS E MATHILDE.

MATHILDE.

(*Correndo.*) O' mamã!... mamã!... Olhe o Emilio!... Olhe aquelles homens!...

D. EMILIA.

O que é?!...

MATHILDE.

Não sei!... estão a questionar com elle!... Parece-me que o querem levar preso!... Acudam!... acudam!...

JOSÉ.

Que diabo d'historia é esta?... O Emilio!...

(*Vae para sair.*)

SCENA XV.

OS MESMOS, EMILIO E UM OFFICIAL DE DILIGENCIAS.

O OFFICIAL.

Vv. ss.as dão licença?

O MORGADO.

Entre. O que vem a ser isso?!

JOSÉ.

O que é isso, ó rapaz?!

EMILIO.

(*Cabisbaixo.*) Não é nada, pae.

O OFFICIAL.

Perdão, meus senhores, é que temos umas duvidas... (*para José.*) Este senhor é que é o tal Francisco de Sousa, que vocemecê...

JOSÉ.

Qual Francisco de Sousa! Este é meu filho!

O OFFICIAL.

Seu filho!... (*para Emilio*) Mas então...

EMILIO.

Depois lhe explicarei...

O OFFICIAL.

Qual depois! Não se manga assim com a justiça! Este senhor declarou-se como o verdadeiro Francisco de Sousa, e...

JOSÉ.

Ora essa! O' rapaz, pois tu...

O MORGADO.

Mas porque diabo fez você isso?

EMILIO.

Desculpe, senhor Morgado, mas... não me atrevo a...

SOARES.

Hade atrever-se, mas primeiro... (*para o official.*) Já vê que houve um engano, pode retirar-se.

O OFFICIAL.

Mas o verdadeiro criminoso...

SOARES.

Fugiu; diga que o não achou, e... (*dando-lhe dinheiro*), e mais nada.

(*O official sae contente*)

JOSÉ.

(*Para Emilio.*) Então vamos nós a saber, *só creançola*; para que diabo foi você...

EMILIO.

O' pae, peço-lhe que me não pergunte...

SOARES.

Sou eu, senhor Emilio, sou eu que tambem desejava saber o motivo que o levou a querer salvar um... um homem d'aquelles.

EMILIO.

Visto que v. s.ª quer por força... Além d'isso, como talvez julgassem que eu era tão bom como elle...

MATHILDE.

(*Rapidamente.*) Ora... quem é que havia de julgar isso...

JOSÉ.

Elle tem razão, menina: está muito desacreditado cá por casa.

EMILIO.

Pois bem, pae, visto isso, vou dizer tudo. (*Para os mais*) O pae contou-me toda a historia d'esse homem. Quando saiu d'aqui para ir chamar os beleguins, encontrei-o e disse-me o que ia fazer. Custou-me bastante, que meu pae, um homem que teve a amisade do senhor Antonio Soares, um homem conhecido em todas as terras pelo contra-mestre mais honrado que anda sobre as aguas do mar, custou-me vêl-o de repente ser indigno d'essa reputação!..

JOSÉ.

Que dizes tu, o' rapaz?

EMILIO.

Sim senhor, pae! Custou-me vêl-o perder essa boa reputação, e ficar sendo...

JOSÉ.

O que?

EMILIO.

(*Levantando a cabeça.*) Um espião! um denunciante!

JOSÉ.

(*Correndo para elle.*) O' grandicissimo mariola!..

SOARES.

(*Suspendendo-o*) Senhor José! Elle tem razão!

JOSÉ.

(*Depois de pensar.*) E tem, é verdade! Fui denunciante! Com mil diabos! (*Quasi chorando*) Fiquei sendo tão vil como elle!

SOARES.

Não, por que seu filho salvou-o de apparecer nos tribunaes como tal.

JOSÉ.

(*Alegre.*) Com que então... (*Agarrando-se ao pescoço (de Emilio*) Anda cá rapaz, que és mais honrado do que eu!

EMILIO.

(*Chorando.*) Mas mais desgraçado, pae!

O MORGADO.

Bem, bem; agora vamos pagar áquella gente, e nem mais uma palavra a este respeito.

SOARES.

Ainda não; ha primeiro uma outra acção boa a praticar.

O MORGADO.

O que é?

SOARES.

Hoje é o dia das acções heroicas; o mano mesmo praticou uma, salvando esse miseravel; pois bem, seja um dia de felicidade para todos! Eu tomo o senhor Emilio da Silva para meu guarda-livros; abono-lhe uma quantia para negociar e peço em paga do que fiz pelo socego e honra da familia, que o deixem casar com minha sobrinha.

O MORGADO.

Ora essa! Que diz, senhora D. Emilia?

D. EMILIA.

Se ella quer...

MATHILDE.

(*Abraçando-a,*) Mamã!...

O MORGADO.

Então... seja, com os demonios, e viva a alegria!

JOSÉ.

(*Para Emilio.*) Bravo, senhor Emilio! Apanhou! Pois olha, já agora hasde-me dar as sopas! Não torno a embarcar, por que tenho medo de topar com aquelle mariola e...

EMILIO.

(*Abraçando-o.*) Não pensei que podesse ser tão feliz!

O MORGADO.

(*Para Soares.*) Que revolução, mano! Não acreditem lá nos presagios! Safa! Nunca mais torno a atirar aos cucos!

Cae o panno.

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO, RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litterátura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre 700 rs. — nas Provincias (franco) anno 1:570 rs. — semestre 830 réis.

As collecções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor Preço — em papel, 17:500 — encadernados, 21:100.

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros.—Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Luiz Augusto Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.° francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. - 4:320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.° br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.° e 2.° volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa: preço de cada volume em Lisboa, rs. - 480

Nas provincias, rs. - 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada. 1 vol. de 8.° francez, rs. - 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça. 1 vol. de 8.° francez rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore) por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester. 1 vol. de 8.° francez br., rs. - 300

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.° br., rs. - 200

Addições ao Manual do Tabellião, por F. V da Silva Barradas. 1 vol. 8.° francez. br., rs. - 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça. 1 vol. 8.° francez, rs. - 720

Medicina Legal, por Sédillot; traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas. 2 vol., em 8.° francez, rs. - - - - - - - - - - 1200

A Cruz, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva. 1 vol. 8.° francez, rs. - 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.° francez, rs. - 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br. rs. - - - - - - - - - - - - - - - - - 400

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 909 8

A Redempção, comedia-drama em 3 actos por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol 8.º francez, rs. - - - - - - 360
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol 8.º francez, rs. - - - - - - - - - - 300
Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim. 1 vol. 8.º francez. rs. - - - - - - - - - - - - - - - - - - 360
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. 400
Camões e o Jão, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.º rs. - - - - - 100
Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos por E. Biester, 8.º rs - - - - 240
Camões do Rocio, comedia em 3 actos por I. M. Feijoó, 1 vol, 8.º francez, rs. 300
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos por A. de Serpa. - - - - - 320
Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.º francez, rs. 480
Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.º francez — br. rs. - - - - 2:880
O 3.º vol. só — 1:000 rs.
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do excellentissimo senhor conselheiro Garrett.—Preço rs. - 400
A Mocidade de D. João V, comedia drama em 5 actos, por Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester, 8.º francez br. - - - - - - - - 480
Uma viagem pela litteratura contemporanea — por Ernesto Biester — 8.º br. rs. - 200
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.º port br. rs. - 120
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim. 8.º br. 400
O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim. 160
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire,—Candido Luzitano,—8.º br — 3 vol. - 720
Stamboul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.º fr. br. Preço 300 rs.
Scenas de familia, comedia em tres actos, por A. C. de Lacerda. Preço 320.
As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. Preço 300.
Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º vol. de 116 pag. em folio. — Preço 2:250 rs.

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.º 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo Dr. José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

No prelo:

Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.
Alva Estrella, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior.
Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior.
A Domadora de feras, comedia em um acto, por L. A. Palmeirim.
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan.
O Genio da lingua portugueza, obra necessaria a quem quizer adquirir perfeito conhecimento do idioma de Camões.

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 909 8